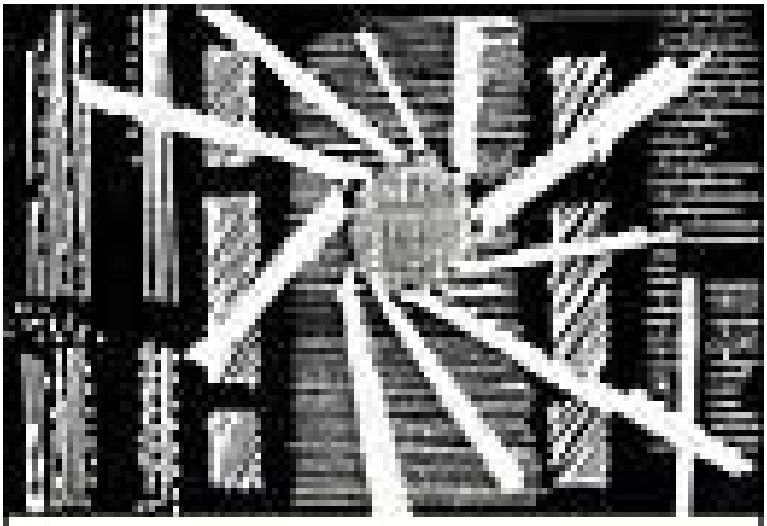

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

NOITES BRANCAS

TRADUÇÃO DE BRUNO DE MENEZES
GRAVURAS DE LÍVIO ABRAMO

editora 34

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

NOITES BRANCAS

(1848)

NOTA PRELIMINAR

Nesta lindíssima novela os protagonistas encontram-se durante quatro noites à beira do Fontanka — somente durante quatro noites da primavera petersburguesa, que de dia alegra a cidade e os campos em redor com o brilho da verde erva tenra e nova e com as cores vistosas de múltiplas flores, e à noite espalha pelo céu um fulgor alvinitente que torna as noites quase tão claras e luminosas como o dia.

Quem é ele? Um jovem, que a si mesmo se apresenta c descreve como um “sonhador”, que os conhecidos consideram como uma criatura estranha, bisonha, talvez até um tanto tola e ridícula, um rapaz que “mal conhece a vida real” e que, no entanto, no mundo galopante da sua fantasia vê correr diante dos olhos as cenas e as figuras mais significativas na evolução histórica da humanidade, e que vive ainda, no seu delírio de visionário, um romântico sonho de amor em que a sua amada é uma formosa castelã casada com um velho, mas que afinal nem sequer conhece uma mulher, embora anseie a todo momento por conhecer uma jovem semelhante a essa que acabou agora de

encontrar chorando, amparada ao parapeito do cais, numa dessas noites brancas de São Petersburgo. Por que chora essa mocinha? Quem será? Apesar de toda a timidez do "sonhador" há um acaso que os faz aproximar, e os dois jovens começam então o seu diálogo apaixonado que vai estender-se por quatro dessas maravilhosas noites brancas. Ela é morena, como o "sonhador" logo tinha imaginado, assim que a viu de longe; tem apenas dezessete anos, é inteligente, viva, ardente, e... está enamorada de outro. Ela veio nessa primeira noite para a beira do rio porque tinha combinado com o namorado esse encontro, após um ano de separação. Este não aparece, mas Nástienhka, durante a sua espera febril e ansiosa, tem a felicidade de encontrar esse espiritual, romântico, tímido e ardente "sonhador" que a consola na sua dúvida, que acende constantemente diante dos seus olhos a chama da esperança e que acaba por se apaixonar por ela.

E, numa dessas noites, já na tempestade da decepção e do despeito, quando começa já a acreditar que aquele a quem ama a esqueceu, Nástienhka, sequiosa de amor, na ânsia de ter junto de si um ser sobre o qual derrame a sua impetuosa ternura, todo o fogo da sua alma

apaixonada, acaba por prometer o seu coração ao pobre “sonhador”...

Mas eis que, finalmente, na última noite, surge o verdadeiro dono do coração de Nástienhka, e ela, num arrebatamento de paixão, deixa o companheiro daquelas quatro noites e lança-se nos braços daquele por quem esperava...

Podemos agora perguntar: como definir o caráter de Nástienhka, a mocinha que esperava pelo amado, mas que entretanto promete o seu amor ao primeiro que lhe aparece... para logo depois se esquecer dele e voltar outra vez para o mais antigo? Será ela uma leviana ou uma inconstante? Não. Não é propriamente um temperamento de mulher que Dostoiévski nos apresenta aqui, embora nos tenha admiravelmente descrito a alma de Nástienhka como uma alma apaixonada vibrante e impetuosa. Quer-nos antes parecer que, além da análise da “vida imaginativa e de sonho”, do protagonista, o genial escritor nos quis antes apresentar — e fê-lo de uma forma verdadeiramente artística, cheia de uma beleza delicada, grácil, leve e ao mesmo tempo perturbante — o fenômeno de “transposição” que se operou na alma dessa mulher

enamorada, pois o seu coração transbordante de um amor que esperava oferecer ao homem que aguardava e que entretanto não vinha, não se contém, tem necessidade de um objeto visível e sensível, de outro ser que lhe dê a ilusão de que o escutam, que seja como que um alvo concreto sobre o qual possa incidir a luz da sua ternura. O jovem "sonhador" está ali: tem uns olhos que a vêem, uns ouvidos que a escutam, uma boca que lhe diz palavras de consolo e de amor, uma mão que recebe a sua, uma alma que sente e palpita junto dela. Todas as palavras que tinha para dizer ao outro, di-las a este... E por fim até o beijo, que havia de oferecer ao seu verdadeiro amado, vai ainda para esse companheiro daquelas noites.

Esta novela pertence ao ciclo das obras que podemos considerar inspiradas pela malograda paixão de Dostoiévski pela senhora Panáieva, aquela mulher bela e culta que recebia no seu salão as celebridades do mundo literário e artístico. A primeira dessas novelas foi *A Dona da Casa*; a segunda, *Polzunkov*; esta é a terceira; e finalmente na novela seguinte, em *Niétotchka Niezvânova*, há também uma carta de amor onde palpita ainda toda a vibração de um amor desvairado e impossível. Tanto em *A Dona da Casa*, como em *Noites Brancas*, os

protagonistas apaixonam-se por mulheres que "já estão comprometidas", que entregaram desde há muito o coração a outro... E, além disso, há também uma grande semelhança que assenta evidentemente sobre o fundo autobiográfico da novela, entre *Ordínov*, o estudante visionário, e este outro jovem "sonhador" que conhece os tais recantos misteriosos de Petersburgo, dos quais "poderia dizer-se que nunca neles dá o sol que brilha para todos os petersburgueses, mas outro sol, novo, que foi criado unicamente só para eles e que dir-se-ia brilha ali também de maneira diferente, com um fulgor diferente daquele com que brilha no resto do mundo...", e que, como já alguém disse e é de todo verossímil, mais não são do que esses antros onde se reúnem os conspiradores do grupo de Pietrachévski, uns exaltados que pretendiam derrubar com as suas doutrinas filosófico-literárias o trono de Nicolau, grupo ao qual pertencia Dostoiévski.

Esta novela é a última que o escritor escreve ainda em liberdade. Em breve será preso, e a sua próxima obra, *Niétotchka Niezvânova*, vai já ser escrita na cela duma fortaleza.

PRIMEIRA NOITE

Era uma noite prodigiosa, uma dessas noites que talvez só vejamos quando somos novos, querido leitor. Estava um céu tão fundo e tão claro que ao olhá-lo uma pessoa era forçosamente levada a perguntar se seria possível que debaixo de um céu daqueles pudessem viver criaturas más e tenebrosas. Questão esta que, para dizer a verdade, só é costume levantar-se quando somos novos, mesmo muito novos, querido leitor. Prouvera a Deus que pudésseis reviver com freqüência essa idade na vossa alma! Enquanto ia pensando assim em várias pessoas, é claro que acabava por recordar-me involuntariamente do panegírico que a mim próprio eu tinha tecido, nesses tempos.

Já desde a manhã que se tinha apoderado de mim uma estranha disposição de espírito. Vinha-me a impressão de que vivia tão sozinho, de que havia ainda de chegar a ver-me abandonado por toda a gente, que todos haviam de vir a afastar-se de mim. Naturalmente todos têm agora o direito de perguntar-me: “Bem, vejamos: quem vêm a ser esses todos?” Mas eu já há oito anos que vivo em Petersburgo e, apesar disso, nunca me pareceu que tivesse

arranjado um só amigo. E para que queria eu os amigos? Eu sou amigo de toda a cidade de Petersburgo. Mas precisamente por isso é que me parece que todos me abandonam e que toda a cidade se dispõe a partir com a chegada do verão. Chego quase a ficar preocupado com o fato de ficar sozinho, e já há três dias que ando muito triste, a dar voltas pela cidade, sem conseguir compreender o que se passa no meu íntimo. Na Niévski, no Jardim de Verão, nos cais[1], já não era possível descobrir nenhuma das caras que costumava encontrar diariamente à mesma hora, nos mesmos lugares. Evidentemente que os outros não me conheciam a mim; mas eu... eu os conheço a eles. Conheço-os até muito bem; tenho estudado as suas fisionomias e fico contente quando os vejo contentes, e aflijo-me quando os vejo preocupados. Sim, posso dizer que uma vez cheguei quase a fazer uma amizade: foi com um homem já de idade, com o qual costumava encontrar-me todos os dias à mesma hora, no Fontanka. Tinha uma cara muito séria e pensativa, e movia constantemente os maxilares, como se ruminasse qualquer coisa; abanava um pouco o braço esquerdo e trazia sempre na mão direita uma grande bengala de

[1] Os três mais belos passeios de São Petersburgo.

nós, encimada por um castão de ouro. Também tinha reparado em mim com interesse. Estou certo de que, quando ele não me encontrava à hora já sabida, no local costumado, no Fontanka, devia sentir uma certa contrariedade. Por isso pouco faltou para que nos cumprimentássemos quando nos víamos, ainda mais tendo em conta que ambos éramos pessoas de bom aspecto. Ainda não há muito que como aconteceu termos estado dois dias sem nos vermos, quando no terceiro nos encontramos, ficamos quase a ponto de levar a mão ao chapéu, mas felizmente refletimos a tempo, deixamos cair as mãos e passamos um em frente do outro com visíveis sinais de mútua satisfação.

Também conheço os edifícios. Quando passo diante deles, dir-se-ia que cada um dos prédios mal me vê põe-se logo a correr, avança dois passos à frente, me olha por todas as suas janelas e me diz: “Bom dia, aqui estou! Como tem passado? Eu felizmente estou bem, mas para o mês de maio vão acrescentar-me outro andar.” Ou então: “Bom dia! Como está? Sabe uma coisa? Amanhã vão rebocar-me a fachada.” Ou, finalmente: “Olhe, houve fogo e estive quase a ficar todo queimado... Se soubesse o susto que eu tive!” E outras coisas do gênero. É claro

que tenho os meus favoritos entre eles e até alguns bons amigos. Um deles vai ser revisto por um arquiteto neste verão; vai reconstruí-lo e pô-lo como novo. Terei infalivelmente de passar por ali todos os dias para que o meu amigo não me pareça depois um desconhecido, Deus o livre de uma coisa dessas! E nunca esqueci a história das minhas relações com aquela casinha pequenina, de um cor-de-rosa claro, de que eu gostava tanto. Era uma casinha encantadora; olhava-me sempre com muito afeto, e estava tão orgulhosa da sua beleza entre as vizinhas vulgares, que o meu coração alegrava-se quando passava diante dela. Mas eis que, na semana passada, quando entrei na rua e olhei para a minha amiguinha... ouço um clamor lastimoso: “Olha o que me fizeram! Pintaram-me de amarelo! Que bárbaros! Que perversos! Não respeitaram nada! Nem as colunas, nem as cornifas!” De fato, a minha amiguinha estava amarela como um canário. E de tão aborrecido que fiquei com aquilo, estive prestes a apanhar uma icterícia, e ainda agora não me sinto completamente refeito, nem também me sinto com coragem para tornar a olhar para a minha pobre amiguinha, que uns desalmados puseram da cor do Celeste Império.

Por tudo isto... agora já poderá

compreender o meu querido leitor, até que ponto eu conheço esta cidade de Petersburgo.

*

Disse já como durante três dias fui torturado por uma estranha inquietação, até que finalmente consegui descobrir a sua causa. Não me sentia bem na rua (não via este, nem tampouco aquele, nem aqueloutro, nem estoutro... “Por onde diabo andarão eles?”), e também não me sentia bem em casa. Quase que nem a mim próprio me reconhecia. Gastei inutilmente duas tardes investigando o que seria que me faltava entre as quatro paredes da minha casa. Por que me sentiria eu tão mal em casa? Olhava com um olhar perscrutador as paredes verdes denegridas pelo fumo e fixava a vista no teto onde prosperavam as teias de aranhas protegidas de Matriona; passava revista a todo o mobiliário, principalmente às cadeiras e, mentalmente, perguntava a mim próprio se não estaria ali a razão do meu mal-estar (aliás também hoje não existe já em minha casa uma cadeira igual às desse tempo, e eu próprio, também, já não sou o mesmo). Sim, até me deu na cabeça para chamar Matriona e, em tom paternal, fazer-lhe uma censura por causa das teias de aranha e do desleixo em que trazia

todas as coisas; mas ela se limitou a olhar para mim muito espantada e saiu sem dizer uma palavra; de maneira que as teias de aranha continuam incólumes, dependuradas do teto.

Mas esta manhã, finalmente, descobri a causa de tudo. Ah! Então todos se vão embora para veranear e me deixam aqui sozinho! Era isto e mais nada: eles se tinham raspado. Desculpem a expressão, mas naquele momento não me veio à cabeça nenhuma outra mais elegante. Na verdade todos os habitantes de Petersburgo tinham já deixado a cidade, ou estavam prontos a deixá-la de um dia ou de um momento para o outro. Pelo menos para mim, todo homem de certa idade, de aspecto respeitável, que eu via subir para um *drójki*, tomava-o logo por um honesto pai de família que, depois de ultimar as suas ocupações cotidianas, abandonava a cidade para passar o resto do dia entre os seus. Todos os transeuntes tinham já um aspecto completamente diferente, um aspecto que parecia dizer: “Nós ainda aqui estamos, apenas por acaso, pois dentro de algumas horas já estaremos bem longe, no campo.” Às vezes abria-se uma janela em cujas vidraças tamborilavam primeiro uns dedinhos brancos e compridos, e logo a seguir aparecia a linda cabecinha duma bela moça que chamava a

florista; então eu imaginava que também aquelas flores se encontravam ali por casualidade, e que moça as comprava, não para recrear-se junto daquele ramo em que deviam existir duas corolas abertas que seriam como uma amostra de primavera no quarto abafadiço, mas que, pelo contrário, logo em seguida iria abandonar a cidade levando consigo aquelas flores. Mas isto ainda não é tudo; é que eu ia fazendo tais progressos na minha nova profissão de investigador que não tardei em poder dizer infalivelmente, só pelo aspecto exterior, que lugar de veraneio tinha escolhido cada pessoa. Os moradores das elegantes isbás, ou das vilas próximas de Peterhof[2], caracterizavam-se pela sua elegância requintada, tanto no andar como em todos os seus gestos, até pelos seus trajos e chapéus de verão, e possuíam carruagens esplêndidas nas quais vinham à cidade. Os habitantes de Pargalovo[3] e arredores impunham-se pela sua discreta compostura, e os da ilha de Krestóvski[4] pela sua jovialidade imperturbável.

[2] Localidade próxima do centro de Petersburgo, para onde as pessoas ricas iam a passeio ou em vilegiatura. Hoje chama-se Leninski.

[3] Aldeia a uns 15 km de Petersburgo, na estrada da Finlândia.

[4] Uma das ilhas do delta do Nievá, que serviam de passeio aos petersburgueses.

Quando acontecia encontrar-me com uma comprida procissão de moços de fretes que, com o lenço na mão, caminhavam molengões junto das carroças atulhadas, nas quais se balouçavam montanhas de mesas, de camas, de cadeiras, de divas turcos e sem ser turcos, coroadas às vezes no cocuruto pela cozinheira, de cara assustada, a qual, quando se sentia mais sossegada, vigiava com olhos de lince todo aquele magnífico aparato, para que nenhuma coisa caísse e ficasse pelo caminho; e também quando via vir pelo Nievá ou pelo Fontanka um par de lanchas carregadas de utensílios domésticos, navegando rumo às ilhas ou pela corrente acima, até à Tchórnaia Rietchka[5] — tanto as lanchas como os seus condutores se multiplicavam aos meus olhos, às dezenas e às centenas — parecia-me que todas as pessoas se levantavam e saíam em caravanas da cidade, e que Petersburgo se transformava num deserto, de tal maneira que eu sentia uma exaltação enorme e considerava-me ofendido; e, naturalmente, acabava por me pôr de mau humor, pois era eu o único de todos os habitantes de Petersburgo que não tinha possibilidade nem tampouco razão nenhuma para ir veranear. Por isso estava disposto a subir

[5] i.e., Ribeira Negra, na parte continental de Petersburgo.

para uma carroça qualquer, ou a acompanhar todo o indivíduo que entrava para um *drójki*; simplesmente nenhum deles se dignava convidar-me. Era como se de um momento para o outro todos se tivessem esquecido de mim, como se, no fundo, eu fosse completamente estranho para todos.

Dava freqüentes e grandes passeios pelas ruas, de maneira que, segundo o meu costume, chegava a esquecer-me dos lugares por onde andava. Até que um dia me aconteceu ir ter aos limites da cidade. Nesse momento fiquei muito satisfeito, atravessei para o outro lado da barreira[6] e continuei caminhando por entre os campos e pelas terras de cultura, sem sentir o menor cansaço, e até pelo contrário, como se me tivesse libertado de um grande peso. Todos os que passavam por mim me olhavam afetuosamente, o que era afinal uma espécie de saudação; parecia que todos estavam satisfeitos por qualquer coisa. E também eu fiquei muito contente, tanto como nunca o estive na minha vida.

Tal qual como se me tivesse visto de repente na Itália... Tal era o poderoso influxo que a natureza exercia sobre mim, doentio habitante

[6] ...que cercava a cidade.

da cidade, que se sente abafar entre as paredes dos prédios!

Há qualquer coisa de indizivelmente patético na natureza do nosso Petersburgo, quando nele desperta a primavera; quando de repente ostenta todo o seu sortilégio e exibe todas as graças que o céu lhe empresta; quando se cobre da tenra erva nova e se enfeita de flores garridas e de delicadas florinhas. Então faz-me sempre lembrar a menina triste para a qual olhamos cheios de pena, às vezes com piedosa simpatia, e na qual às vezes também nem sequer reparamos, mas que um dia, de repente, quando menos se espera, como por artes mágicas se torna de um momento para o outro tão bonita que ficamos desconcertados e aturdidos e, ao vê-la, perguntamos admirados: "Que poder teria lançado esta luz nos olhos tristes e sonhadores desta mocinha? Quem fez subir o sangue às suas faces pálidas e murchas, quem fez com que o seu rosto suave mostre agora uma tal paixão? Por que se levanta o seu peito? Quem foi que, assim tão de repente, trouxe força e vida e beleza ao rosto da pobre menina, cujo sorriso suave brilha agora e se transforma num riso ardente?" E olhamos à nossa volta, procuramos alguém e começamos a perguntar e a adivinhar... Mas esse momento é

passageiro e talvez no dia seguinte voltemos a encontrar o mesmo lânguido e sonhador olhar anterior, a ver de novo pálido rosto e a mesma indolência e vulgaridade de movimentos, e até talvez alguma coisa de novo, uma espécie de desgosto, como sinal de pena e de aborrecimento por aquele breve instante de alegre animação... E então sentimos pesar de que a beleza tenha desaparecido tão breve e irrevogavelmente, de que tenha brilhado diante dos nossos olhos com uma luz tão falsa e enganadora... tristeza por não termos chegado sequer a tomar-lhe o gosto...

E sem dúvida que essa noite foi para mim ainda mais bela do que o dia. Regressei já tarde à cidade e davam dez horas quando me aproximava de casa. O meu caminho levava à direção do canal, onde a essa hora não costumava haver ninguém. Vivo, só eu, naquele bairro tranqüilo e remoto. Ia caminhando, e ao mesmo tempo cantava, pois quando me sinto feliz não tenho outro remédio senão cantar uma cantiga qualquer, como todo homem feliz que não tem amigos nem conhecidos, nem pessoa alguma com quem compartilhar os seus momentos de alegria. Mas eis senão quando me aconteceu nessa noite ver-me envolvido numa surpreendente aventura.

Não muito longe de mim acabava de descobrir uma figura de mulher; estava de pé e apoiava os cotovelos no parapeito da muralha, e parecia absorvida na contemplação das águas turvas do canal. Trazia um chapelinho amarelo muito bonito e uma pequena e graciosa capa preta. "É uma jovem, e morena, por certo", pensei eu. Parece não ter sentido os meus passos, pois não fez movimento algum quando eu passei por ela devagarinho, contendo a respiração e com o coração palpitante. "Que coisa estranha! — disse para comigo. — Deve estar completamente absorvida nos seus pensamentos!" E de súbito estremeci e fiquei pregado no chão: até aos meus ouvidos chegavam soluços apagados. Se não era engano meu, a moça chorava... Passado um pequeno instante tornei a ouvir outro soluço e depois outros. Meu Deus! O meu coração teve um pressentimento. Por muito tímido que eu seja com as mulheres, naquele caso... é que as circunstâncias eram tão singulares! Em suma; tomei uma decisão, aproximei-me dela e... e teria sem dúvida começado por saudá-la — "Minha senhora!" — se não me tivesse lembrado que essa expressão se encontra pelo menos mil vezes em todas essas novelas russas em que se descreve o ambiente da boa sociedade. Mas contive-me. Enquanto procurava uma fórmula de

saudação apropriada, a moça tornou a si, e quando me viu baixou os olhos e afastou-se discretamente. Eu comecei a segui-la o que ela pareceu notar; depois abandonou o cais, atravessou a rua e dirigiu-se ao outro passeio. Então já não me atrevi a segui-la. O meu coração batia como o de uma ave presa. Mas naquele momento o acaso veio em meu auxílio.

No referido passeio surgiu de repente um homem junto da desconhecida... um homem de idade madura, mas com uma apresentação que não correspondia à sua idade. Cambaleava e, de vez em quando, apoiava-se às paredes. A moça continuou a andar, de olhos baixos, sem olhar para lado nenhum, com essa ligeireza própria de todas as jovens que não desejam que ninguém se aproxime e se ofereça para acompanhá-las à casa. Também aquele cambaleante cavalheiro não teria conseguido alcançá-la se não tivesse recorrido, com certa malícia, a qualquer coisa que não podia prever-se: sem dizer-lhe uma palavra e sem lhe chamar a atenção, começou a segui-la. Ela ia ligeira como o vento, mas o sujeito aproximou-se rapidamente e alcançou-a; a moça deu um grito e... eu dei graças a Deus pela bengala que levava. Num instante atravessei para o outro passeio; o sujeito compreendeu logo as minhas

intenções e reconsiderou; não disse nada, retrocedeu, e quando ia já a uma distância que não nos permitia ouvi-lo, começou a protestar energicamente contra o meu procedimento. Mas nós quase já nem percebíamos as suas palavras.

— Ampare-se ao meu braço — disse eu para a desconhecida. — Assim já ele não se atreverá a aborrecê-la.

Em silêncio pôs a sua mãozinha que tremia ainda de susto e comoção sobre o meu braço. Oh, abençoado cavalheiro! Lancei um rápido olhar à minha desconhecida; era encantadora e morena, conforme logo de longe me tinha querido parecer. Nas suas pestanas pretas brilhavam ainda lágrimas... de medo ou de desgosto, pelo mesmo motivo que a fazia chorar há pouco sobre o cais, quem sabe lá! Mas já os seus lábios tentavam sorrir. Também ela olhou para mim de soslaio; fez-se corada ao ver que eu tinha reparado nesse seu gesto e baixou os olhos.

— Diga-me: por que fugiu de mim com essa pressa? Se eu a tivesse acompanhado, nada daquilo lhe teria acontecido.

— Mas se eu não o conhecia! E pensava

que você também...

— Ah! Mas agora também ainda não me conhece!

— Já estou conhecendo mais ou menos. Mas... por que treme?

— Oh! Já vejo que percebeu tudo num instante — disse eu, pois julguei poder deduzir da sua observação que, além de bela, era inteligente. — Então conhece as pessoas logo ao primeiro olhar! Escute: é verdade que eu sou tímido com as mulheres, e não nego que fiquei pelo menos tão perturbado como você, quando há pouco esse cavalheiro lhe provocou um susto... E também agora sinto qualquer coisa parecida com o medo; toda esta noite me parece um sonho, a mim, que nunca cheguei a pensar que pudesse algum dia ver-me nesta situação, falando cem uma moça bonita.

— Nunca? Isso é verdade?

— Palavra! E se o braço me treme neste momento, isso se deve unicamente ao fato de que nunca ele sentiu o contacto de uma mãozinha tão encantadora como a sua. Eu já não tenho o hábito de lidar com senhoras, o que não quer dizer que alguma vez o tenha tido.

Não; eu tenho vivido sempre só, isolado... Nem sequer sei como hei de falar com as mulheres. Por exemplo, não sei se já lhe disse qualquer tolice. Se a disse, peço-lhe que mo revele com toda a franqueza, que eu não levo a mal.

— Não, não, nada disso, pelo contrário. E uma vez que me pediu que fosse sincera, digo-lhe francamente que me agrada muito essa sua timidez para com as mulheres. E se quiser saber mais, dir-lhe-ei ainda que o acho muito simpático e que só o mandarei sair do meu lado quando chegar a casa.

— É tão encantadora que vou perder a minha timidez — exclamei eu entusiasmado. — Mas então, adeus, probabilidades!

— Probabilidades? Que significa isso? Não, isso aí já não me agrada!

— Desculpe! Foi uma palavra que... me escapou contra a minha vontade. Mas como é que não é capaz de supor, que num momento como este eu não tenha podido sentir o desejo...

— De agradar-me?

— Claro! Mas... por amor de Deus, seja generosa! Lembre-se da minha maneira de ser.

Já tenho vinte e seis anos... e quase que não tenho convivido com ninguém. Como poderia eu, de repente e sem preparação alguma, sustentar um diálogo segundo todas as regras da arte? Mas há de compreender-me melhor se eu lhe disser tudo francamente, se lhe abrir o meu coração. Eu não posso calar-me quando o meu coração grita... Acredite, eu não conheço nenhuma mulher, nenhuma! Geralmente não encontro quem goste de mim. Mas sonho todos os dias que alguma vez, em algum lugar, hei de encontrar e hei de conhecer alguém... Ai, se soubesse quantas vezes me tenho apaixonado, só em imaginação!

— Mas como é isso possível? E de quem?

— De nenhuma mulher, concretamente, apenas de um ideal que aparece nos meus sonhos. Eu, em sonhos, imagino novelas completas. Oh, ainda não me conhece! Mas que estou eu dizendo! É claro que na minha vida já falei com duas ou três mulheres, mas que mulheres! Estalajadeiras, não é preciso dizer mais nada... Mas olhe, vou contar-lhe qualquer coisa para a distrair. Já por várias vezes tenho estado tentado, na rua, a aproximar-me de alguma jovem e pôr-me a falar com ela sem mais nem menos. É claro que se ela fosse

sozinha, manter-me-ia respeitosamente mas também ansioso e arrebatado de paixão, e então dir-lhe-ia como me sinto só no mundo e pedir-lhe-ia que não me afastasse do seu lado, pois assim eu perderia a oportunidade de falar com uma mulher. Pensava até dizer-lhe que seria um dever para uma mulher não repudiar as súplicas dum homem tão infeliz como eu. E que afinal aquilo que tenho a pedir-lhe se reduz a que me permita dizer-lhe duas palavras fraternas, e a que me dedique um pouco de compaixão e não me afaste do seu lado logo no primeiro momento, e que acredite na minha palavra, e que tenha a paciência de ouvir o que tenho para lhe dizer... e se levar tudo para a brincadeira, tanto faz! Mas que me conceda pelo menos alguma esperança e me diga duas palavras, quando nada para trazer um pouco de alegria ao meu espírito, ainda que nunca mais nos tornemos a ver... Você acha isto engraçado? Bem, afinal eu apenas dizia isto por...

— Não se aborreça comigo. Rio-me porque você é o inimigo de si mesmo. Se tentar, verá como consegue logo o que deseja, ainda que seja em plena rua; e quanto mais simplesmente melhor. Não há mulher nenhuma, a menos que se trate de uma perversa ou de uma tonta, ou que esteja mal disposta nesse

momento por qualquer razão, que seja capaz de afastá-lo sem escutar essas palavras que acaba de dizer... Sobretudo se o pedir assim, tão modestamente... Mas não, estou falando tolices! É claro que o tomaria por um doido Falava segundo os meus sentimentos. Mas eu sei realmente lidar um pouquinho com os homens.

— Oh, muito obrigado! — exclamei eu. — Nem sabe o favor que me fez com essas palavras!

— Pronto, pronto! Mas agora me diga por que é que percebeu que eu sou uma mulher com a qual, bem, a qual considera digna... da sua atenção e da sua amizade... numa palavra: que não sou nenhuma estalajadeira, como dizia há pouco. O que o levou a aproximar-se de mim?

— O que foi? O que foi? Você ia sozinha, aquele sujeito foi atrevido, e além disso é noite; há de reconhecer que era um dever...

— Não, não; eu me refiro ao momento anterior a esse, quando eu ia no outro passeio, ainda no cais. Não tentou aí aproximar-se de mim?

— Ali, no outro passeio? Nem sei o que

hei de responder-lhe... Tenho receio... Sim, repare, eu estava hoje tão contente... calcule que sempre a caminhar e a cantar, acabei por me encontrar fora dos limites da cidade; nunca me tinha sentido tão feliz. A senhora, pelo contrário... Mas talvez me tivesse apenas parecido... (desculpe se lho recordo), mas pareceu-me que você chorava... e eu... eu não podia ver uma coisa dessas... Oprimia-me o coração... Meu Deus! Não seria possível eu ajudá-la? Não poderia eu compartilhar os seus sofrimentos? Era pecado que eu sentisse piedade, como um irmão? Desculpe, se falei em piedade... Afinal, dá no mesmo... Pode ofendê-la o fato de que eu involuntariamente sentisse o impulso de aproximar-me e de falar-lhe?

— Está bem, não diga mais nada, já compreendo — interrompeu-me a moça olhando confusa para o chão; e eu senti que a sua mão tremia. — Eu é que tenho a culpa de ter começado. Mas estou satisfeita por não me ter enganado a seu respeito... Bem, estou quase chegando a casa; é já naquela travessa, daqui a dois passos... E por isso despeço-me de você. Adeus e muito obrigada!

— Mas então nunca mais nos tornaremos a ver? Vamos dar assim por terminado o nosso

conhecimento?

— Veja como nós somos — disse ela a rir; — a princípio apenas queria dizer-me duas palavras, e agora... Enfim, não digo nada de definitivo... Pode ser que nos tornemos ainda a ver!

— Amanhã estarei aqui outra vez — apressei-me a dizer-lhe. — Desculpe-me se estou já a tornar-me exigente.

— Sim, lá isso é verdade, não é nada paciente. Quase que está exigindo...

— Escute uma coisa! Escute! — interrompi-a. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa... Veja bem, é que tem de ser; amanhã tenho de voltar aqui. Sou um sonhador, mal conheço a vida real, e um momento como este é tão difícil de conseguir para mim, que me seria absolutamente impossível não estar continuamente a evocá-lo nos meus sonhos. Esta noite vou passá-la toda inteira a sonhar com você. Esta noite? Toda a semana, todo o ano! Não tenho outro remédio senão vir postar-me aqui amanhã, neste mesmo local em que agora estamos, à mesma hora, e serei feliz recordando o nosso encontro desta noite. Já gosto deste lugar. Como este tenho já outros

dois ou três em Petersburgo, que me são queridos. Às vezes até tenho chorado, como a senhora também há pouco chorou, quando uma recordação me assalta de repente... Talvez que a senhora esta noite chorasse também ali, no cais, simplesmente por isso, por ter recordado qualquer coisa... Desculpe-me, tornei a falar na mesma coisa. Talvez um dia tivesse sido muito feliz naquele lugar...

— Bem — exclamou então a moça — eu também estarei aqui amanhã, aí pelas dez. Já vejo que não posso dissuadi-lo... Mas o senhor ainda não sabe do que se trata... É que eu não tenho outro remédio senão vir aqui. Não vá imaginar que por interesse ou razões particulares estou a marcar-lhe uma entrevista. É que não tenho outro remédio senão estar aqui a essa hora, fique sabendo... Mas... bem, vou ser absolutamente sincera: não me importo que o senhor venha também. Em primeiro lugar, talvez até me custasse ver-me só, como hoje; mas isso não interessa... Não; em resumo: terei muita satisfação em tornar a vê-lo, para... trocar com você duas palavras. Mas... não queria que pensasse mal de mim. Não vá imaginar que estou querendo ter um encontro com você... Não faria uma coisa dessas ainda que... Mas é este o meu segredo. Ah! E fique sabendo que há de ser

com uma condição...

— Uma condição? Diga, fale! Aceito-a desde já; estou disposto a tudo — exclamei com sincero entusiasmo. — Respondo por mim... Serei obediente e respeitador... Já sabe como eu sou...

— Precisamente por isso, porque já o conheço, é que lhe peço que venha amanhã — disse a moça a rir. — Já o conheço a fundo. Mas, como lhe dizia, venha, mas com uma condição: há de ser amável e fazer o que eu lhe pedir, não é verdade? Escute, estou falando com toda a franqueza, não me faça a corte... Isso não seria possível, de maneira nenhuma. Em troca estou pronta a ser sua amiga a partir deste momento; aqui tem a minha mão... E mais nada, peço-lhe.

— Juro-lhe! — exclamei e apertei a mão que ela me estendia.

— Bem, não é preciso jurar. Eu sei muito bem que o senhor é tão inflamável como a pólvora. Não me leve a mal falar-lhe assim. Mas se soubesse... Não conheci um só homem ao qual pudesse dirigir a palavra ou pedir-lhe um conselho. É claro que, geralmente, uma mulher não procura os conselhos dum homem no meio

da rua; mas você é uma exceção. Compreendo-o já tão bem como se o conhecesse há vinte anos. Não é verdade que o senhor não é nenhum incorreto e que sabe cumprir a sua palavra?

— Verá, verá... Não sei é como hei de passar as vinte e quatro horas que faltam até amanhã. Como hei de sobreviver a esta noite?

— Deixe-se dormir a sono solto. Agora, boa noite... E não se esqueça da confiança que depositei em sua pessoa. Mas era tão belo o que disse há pouco! E além disso você tem razão, uma mulher não pode aperceber-se de todos os seus sentimentos, mesmo que se tratasse só de uma compaixão fraterna. Olhe: você disse isso tão bem, que nesse momento me veio a idéia de fazê-lo depositário de toda a minha confiança...

— Sim, mas para quê?

— Amanhã lho direi. Até lá guardo segredo. É melhor assim; quando souber tudo até há de parecer-lhe uma coisa de romance. Pode ser que lho conte amanhã; mas também pode ser que não. Antes disso quero ainda falar-lhe de outra coisa; temos de nos conhecer melhor, primeiro...

— Oh! Pela minha parte estou disposto a contar-lhe já amanhã toda a minha vida. Tudo isto para mim faz-me pensar que me está acontecendo qualquer coisa de maravilhoso... Onde estou eu, meu Deus? Mas diga-me: não está arrependida de não me ter repelido quando eu me aproximei? Foram apenas dois minutos mas tornou-me feliz para sempre. Feliz, sim, é assim mesmo! Quem sabe, é possível até que tenha feito que eu me reconciliasse comigo próprio e dissipasse todas as minhas dúvidas! Talvez eu tenha certos momentos ... Ah, não, amanhã contar-lhe-ei tudo, então há de compreender tudo o que...

— Bem, está combinado! Será você o primeiro a falar.

— Combinado!

— Então, até amanhã!

— Até amanhã!

Separamo-nos. Eu passei toda a noite a andar daqui para ali; não podia decidir-me a voltar para casa. Era tão feliz! Só pensava no nosso próximo encontro.

SEGUNDA NOITE

— Muito bem, são e salvo! — disse-me ela, à maneira de saudação e, sorrindo, apertou-me as duas mãos.

— Já há duas horas que estou aqui. Não sabe o dia que passei...

— Imagino, imagino... Mas vamos ao que interessa. Por que julga você que eu vim? Em primeiro lugar, não vim para dizermos tolices, como ontem à noite. Não, ouça-me, devemos ser mais ajuizados. Pensei muito a sério sobre o caso.

— Mas por que havemos de ser mais ajuizados? Eu, pelo meu lado, estou disposto a isso; simplesmente, parece-me que nunca em toda a minha vida me lembrei de nada tão acertado como ontem à noite...

— Sério? Mas escute: em primeiro lugar peço-lhe que não me aperte a mão dessa maneira; e depois participo-lhe que pensei muito a seu respeito.

— Deveras? Como? E qual foi o resultado?

— O resultado? Acabei por chegar à conclusão de que devíamos voltar os dois ao princípio; pois afinal — disse cá para comigo — eu não o conheço, e você, ontem, tratou-me como a uma garota; sim, como se eu fosse uma criança. Donde se conclui que a causa de tudo isto foi eu ter tão bom coração; e acabei pregando a mim mesma um belo sermão, como acontece quase sempre, quando examinamos o nosso procedimento. E por isso, para reparar todos os erros, propus-me informar-me o mais minuciosamente possível sobre tudo o que respeita à sua pessoa. Mas como eu não conheço ninguém que possa fornecer-me quaisquer dados sobre a sua vida, há de ser você mesmo quem me há de contar tudo, mas tudo, e com todos os pormenores. Bem, vejamos: que espécie de homem é você? Vamos, comece, fale, conte-me a sua história.

— História! — exclamei eu assustado — Minha história? Mas quem lhe disse que eu tenho uma história? Eu não tenho história nenhuma...

— Não tem outro remédio senão tê-la... Como podia viver neste mundo sem ter uma história? — respondeu ela a rir.

— Pois, creia-me, eu não tenho história nenhuma! Porque tenho vivido para mim próprio, como costuma dizer-se, só, completamente só, sempre só, completamente só. Sabe o que significa “só”? Pois é isso mesmo...

— Mas como é possível? Só! Então tem passado a vida sem ver ninguém?

— Bem, sem ver ninguém, propriamente... Claro que tenho visto. Mas apesar disso estive sempre sozinho.

— Bem, renuncio a compreendê-lo. Nunca falou com ninguém?

— Falar, verdadeiramente falar, não.

— Mas que espécie de homem é você? Não quererá dizer-me? Mas não, espere, serei eu própria quem lho vai dizer; você, com certeza, tal como eu, deve ter tido uma avó. A minha é cega e não consente por nada deste mundo que eu me afaste um momento do seu lado; de maneira que já me esqueci quase de falar. Haverá já dois anos fiz-lhe ver que ela não podia impedir que eu lhe pregasse uma partida; que fez ela então? Pegou na aba da minha saia e pregou-a com um alfinete à da sua... e assim passamos agora as duas todo o santo dia,

agarradas uma à outra. Ela faz meia, apesar de não ver; e eu tenho de ficar sentada a seu lado, a coser ou a ler um livro... Oh! Às vezes ponho-me a pensar e parece-me estranho que viva assim, já há dois anos, pegada a ela desta maneira...

— Meu Deus, isso deve ser terrível! Mas eu não tenho nenhuma avó...

— Então não percebo por que é que há de estar sempre metido em casa.

— Ouça, quer saber quem eu sou? — Evidentemente!

— Sério?

— Sim, a sério.

— Pois bem, eu sou um... tipo.

— O quê? Um tipo? Que espécie de tipo? — perguntou a jovem surpreendida e pôs-se a rir com tanta vontade como se não se risse já há mais de um ano. — Agora é que percebi: é bem divertido conversar com o senhor. Espere, está ali um banco, sentemo-nos. Por aqui não passa ninguém e portanto não podem ver-nos. Bem, comece a sua história. Porque nessa de que não

tem história é quê eu não acredito. É claro que tem; o que acontece é que não a quer contar. Mas, antes de mais nada, diga-me: o que vem a ser um tipo?

— Um tipo? Um tipo... é um indivíduo original. Uma espécie de misantropo cômico — disse-lhe eu e não pude deixar de rir-me também. — Simplesmente há... como hei de dizer? Há caracteres. Uma coisa: sabe o que é um sonhador?

— Um sonhador? Claro que sei. Eu própria sou uma sonhadora. Às vezes, quando estou sentada junto da minha avó... quantas coisas não penso eu! Quando começo a sonhar, os sonhos vão-se desenrolando por si próprios e já tenho chegado a sonhar que estou casada com um príncipe chinês... Às vezes, faz muito bem, isto de... sonhar. Se bem que, afinal, quem sabe! Sobretudo quando temos outras coisas em que pensar... — concluiu a moça, pensativa, e desta vez com um ar muito sério.

— Ótimo! Se já alguma vez se casou com um príncipe chinês, então forçosamente há de compreender-me. Escute... Mas dê-me licença: ainda não sei como se chama.

— Ora até que enfim. Sim senhor,

realmente lembrou-se muito cedo de mo perguntar...

— Meu Deus! Não me tinha lembrado disso, sentia-me tão feliz!

— Pois chamo-me... Nástienhka.

— Nástienhka. Só Nástienhka?

— Só. Acha que é pouco, criatura insaciável?

— Muito pouco! Oh, não, de maneira nenhuma! Pelo contrário, já é muito, mesmo muito, minha amiga, que desde a primeira noite se tenha tornado logo para mim Nástienhka simplesmente.

— Também penso o mesmo. Bem: e então, que mais tem para me dizer?

— Pois escute, Nástienhka, que vai ouvir uma história muito engraçada.

Sentei-me a seu lado, fiz uma cara de gravidade pedantesca e comecei, como se estivesse a ler uma conferência.

— Há aqui em Petersburgo certos recantos verdadeiramente estranhos, que a

Nástienhka talvez não conheça. Dir-se-ia que nunca neles bate o sol que brilha para todos os petersburgueses, mas sim outro sol diferente, que foi criado só para eles, e que, dir-se-ía que brilha ali também de uma maneira diferente, com um fulgor que não existe em parte alguma deste mundo. Nesses cantos de que falo, Nástienhka, parece que se agita outra vida, uma vida que não se assemelha de maneira alguma àquela que nos rodeia, como só poderia existir em um reino distante de muitos milhares de léguas, porém jamais aqui entre nós e nestes nossos tempos tão graves, gravíssimos. Mas, precisamente, essa vida é apenas uma mistura de algo de puramente fantástico, de um ideal fervoroso e, ao mesmo tempo, apesar disso — e infelizmente, querida Nástienhka — de uma obscura rotina e de habitual monotonia, para não chamar-lhe vulgar, vulgar até ao desespero.

— Ufa! Mas que introdução essa! O que virá a seguir?

— Pois virá, Nástienhka... parece-me que nunca me cansaria de lhe chamar Nástienhka... Virá a afirmação de que nesses recantos vivem homens estranhos... seres desses a que as pessoas chamam sonhadores. Um sonhador — para explicar-me mais concretamente — não é

um homem, fique sabendo, mas uma criatura de sexo neutro. Geralmente o sonhador costuma viver fora do mundo, num canto retirado, como sé se escondesse da luz do dia, e, uma vez instalado no seu esconderijo, vive e cresce nele tal como o caracol na sua concha, ou pelo menos pode dizer-se que é parecido com esse animalejo singular, que é ambas as coisas, o animal e sua própria morada, e ao qual chamamos tartaruga. Mas que imagina? Por que será que ele ama tanto as suas quatro paredes, invariavelmente pintadas de verde claro, desbotadas, vergonhosamente sujas e denegridas pelo fumo? Por que é que esse homem grotesco, quando algum dos seus raros amigos vai visitá-lo — além disso costuma acontecer que até estes deixem em breve de visitá-lo — se mostra tão atarantado e inibido? É que ele tem todo o aspecto de alguém que cometeu um crime num lugar ermo, que fabrica moeda falsa ou faz poemas para enviá-los a alguma revista, acompanhados de uma carta em que participa que assassinou o autor dos versos, e que, por ter sido seu amigo, se considera no dever de publicar as obras do defunto. Por que, não quererá dizer-mo, Nástienhka, por que é que durante essas visitas a conversa nunca é muito prolongada, e por que é que dos lábios do amigo caído do céu, que noutras ocasiões está

continuamente gracejando à custa do belo sexo ou de outros temas amenos, nesse momento em que vai visitar o sonhador, não pronuncia nem uma só palavra graciosa? Por que será que este novo amigo se há de sentir, nessa sua primeira visita — em geral nunca passam da primeira — um tanto inibido, e por que será também que, apesar de toda a sua inventiva — supondo que ele possui esse dom — apenas fala por monossílabos, perante a cara desesperada do outro que, num esforço sobre-humano, infelizmente vão, tenta animar o diálogo e pôr em evidência que ele também sabe encaminhar uma conversa e falar do belo sexo, procurando assim atenuar, pelo menos por meio da sua solicitude e boa vontade, a decepção do hóspede que um dia teve a triste idéia de ir cair onde ninguém o tinha chamado? E por que é que o visitante pega tão facilmente no chapéu e se despede com brevidade, com a desculpa de que se lembrou de repente de uma coisa importante que não pode esperar? E por que se liberta tão rapidamente a sua mão da pressão calorosa da mão do outro que, com a maior tristeza na alma, procura ainda reparar aquilo que é já irreparável? Por que será que o amigo que se retira, ainda mal fechou a porta atrás de si, desata logo a rir, e por que jura ele a si mesmo não tornar nunca mais a visitar aquele

extravagante, ainda que no fundo não seja má pessoa? E por que não poderia a sua fantasia, durante a visita, negar-lhe o pequeno prazer de comparar a expressão da cara daquele tipo invulgar, com o focinho dum gatinho que, caído entre as mãos de garotos mal-educados, que o atraíram com falsos carinhos, sofre os seus maus tratos e por fim acaba por ir refugiar-se debaixo de uma cadeira num canto escuro, para depois, ali, lamber e relamber a pele, lavar o maltratado focinho com as patas dianteiras e alisá-lo, pôr-se depois a considerar com olhos tristes a natureza das coisas e da vida, e até as migalhas de pão que uma criada compadecida lhe atira das sobras da mesa farta...

— Escute, — interrompeu-me Nástienhka, que durante todo este tempo não tinha deixado de escutar-me com uns olhos muito grandes e a boca entreaberta — escute: não percebo nada de tudo isso, nem tampouco consigo explicar por que é que me faz essas perguntas tão esquisitas. A única coisa que compreendo é que você deve ter-se encontrado em situações semelhantes, sem dúvida alguma.

— Evidentemente — respondi eu muito sério.

— Bem, então se tudo isso é verdade, continue — disse Nástienhka. — Agora quero saber como acaba a história.

— Deseja saber o que é que o nosso herói — ou para melhor dizer, eu, visto que eu, isto é, a minha modesta pessoa, sou o herói da história — o que é que eu faço no meu canto, não é isso? Deseja saber por que razão a inesperada visita do tal amigo me deixa assim transtornado e me faz ruborizar como um endurecido pecador, quando a porta se abre; por que não sei receber o hóspede e desempenho tão desajeitadamente o meu papel de dono da casa...

— Claro, naturalmente desejo saber isso tudo. Mas ouça: você conta tudo isso lindamente, mas não lhe seria possível contá-lo de maneira menos bela? Porque você fala como se estivesse a ler num livro aberto à sua frente.

— Nástienhka — respondi eu num tom importante e severo, enquanto fazia todos os esforços para não me rir — querida Nástienhka: eu sei muito bem que conto as coisas de maneira demasiado bela, mas desculpe-me, pois não sei contá-las de outra maneira. Agora, querida Nástienhka, pareço-me com aquele

gênio do rei Salomão, que esteve mil anos fechado numa pequena caixa selada com sete selos, e afinal conseguiu romper todos. Querida Nástienhka, agora que nos os dois nos voltamos a encontrar depois de uma tão grande separação — porque eu já a conheço desde há muito tempo, querida Nástienhka, pois já há muito que ando à procura de alguém... o que é a prova de que eu a procurava e de que o destino tinha escrito que nos havíamos de encontrar precisamente neste local — agora abriram-se mil torneiras na minha cabeça e tenho que vazar o meu coração numa torrente de palavras, se não quiser que elas me afoguem. Por isso lhe peço que não me interrompa, Nástienhka. e me escute paciente e submissamente, pois se não for assim, não continuo ...

— Não, não, não. Isso não! Conte, que eu já não torno a abrir a boca!

— Bem, vou continuar. Querida Nástienhka, todos os dias há uma hora, para mim, que aprecio extraordinariamente. Essa hora é aquela em que as lojas, as oficinas e os ministérios se fecham e todas as pessoas se dirigem para suas casas para preparar a refeição do meio-dia, estender-se uns momentos e descansar um pouco, hora em que, durante o

caminho, as pessoas se põem a fazer projetos para a tarde e para a noite, e para todo o tempo livre que ainda lhes resta. Nessa hora costuma também o nosso herói (consinta, Nástienhka, que eu fale de mim na terceira pessoa, pois, na primeira, poderia parecer imodéstia), nessa hora, digo, costuma o nosso herói, que também tem o seu trabalho regular, acompanhar os outros durante um pedaço do caminho. Então um estranho sentimento de bem-estar transparece no seu rosto pálido e um pouco murcho. Com olhos comovidos olha as nuvens vespertinas que deslizam pelo cálido céu petersburguês. Não, não lhe minto ao dizer-lhe que ele as vê; na realidade não as vê, porque ele não vê absolutamente nada, mas olha, e olha tudo de um modo inconsciente, como se estivesse cansado ou como se tivesse ao mesmo tempo o pensamento ocupado com outra coisa diferente, longínqua, especial, de tal maneira que não tarda em ter para tudo quanto o rodeia mais do que um ligeiro olhar, e isto ainda quando um acaso consegue distrair a sua atenção. Sente-se quase feliz, pois deu já por terminada a sua tarefa até ao dia seguinte; alegre como um colegial que se levanta dos bancos da escola e pode de novo entregar-se às suas brincadeiras e distrações favoritas. Se a Nástienhka pudesse observá-lo à socapa, havia

de ver como essa alegria começava logo a atuar beneficamente sobre os seus nervos alterados e sobre a sua fantasia, de uma excitabilidade doentia. Julga que ele pensa em comer? Ou na tarde que tem ainda à sua frente? O que será que o preocupa tanto? Será aquele cavaleiro que, com tanta cortesia, e sem dúvida de maneira tão pitoresca, saúda a dama que passa junto dele naquela carruagem magnífica? Não, Nástienhka; que lhe importam a ele todas essas insignificâncias? Agora ele é rico da sua própria vida, da sua vida íntima; tornou-se rico de um momento para o outro, e o último raio do sol poente não brilhou em vão, tão cheio de calor vital, ao despertar no seu coração ardente uma multidão de impressões. Agora mal atenta no caminho, cujas particularidades mais pequenas ainda há um momento observava com tão grande interesse. É que a deusa fantasia já o envolveu na sua dourada rede que encheu de visões estonteantes, de uma vida gratuita e prodigiosa: e talvez (quem pode sabê-lo?), talvez o elevasse já, nas suas mãos caprichosas, desde o passeio duro de granito, pelo qual vai caminhando em direção a casa, até ao sétimo céu, aquele que fica mais longe deste mundo. Se nesse momento pretendesse, sem mais nem menos, falar com ele e perguntar-lhe onde se encontra nesse preciso instante, por

que rua vai a caminhar... ele não poderia responder nem a uma coisa nem a outra e, possivelmente, corando de vergonha, responder-lhe-ia qualquer coisa, a primeira que lhe viesse à cabeça. Por isso mesmo também ele estaca de repente e se põe a olhar à sua volta, assustado, só porque uma velhota o fez parar no meio do passeio e lhe perguntou por uma rua, que não sabe onde fica. Com uma feição aborrecida e contrariada, continua sempre a caminhar, sem reparar que mais de um transeunte se ri ao vê-lo e que mais de um o segue com o olhar, e que uma senhora que o evitou aflitivamente, de repente se põe a rir como uma menina, tão grotescas se lhe afiguram a cara e o sorriso aéreo, o gesticular das mãos do sonhador. Mas eis que já a mesma fantasia arrebatou nas suas asas travessas a velha, os transeuntes curiosos e os moços rústicos que buscam o descanso da tarde, ali, no Fontanka — suponhamos que o nosso herói se encontra neste momento junto do cais do canal — tudo isso foi apanhado na rede caprichosa da fantasia, tal como a teia de aranha aprisiona as moscas. Com este despojo recém-conquistado entra o extravagante em sua casa, senta-se à mesa e come, e depois de terminada a refeição ainda não voltou completamente a si; até que a infalível Matriona, mal-humorada e taciturna, lhe vem trazer o

cachimbo; até esse momento, como disse, ainda não caiu completamente em si, e então repara com assombro que já comeu, sem ter sequer dado por isso. É já escuro no seu quarto e ele tem a alma triste e vazia. À sua volta desvaneceu-se todo um império de sonhos: secretamente, sem ruído, sem deixar provas, como só um sonho pode desvanecer-se, e ele nem sequer poderia contar aquilo que viu. Mas um obscuro sentimento que começa a agitar-se no seu coração, pouco a pouco lhe vai infundindo um novo anseio, afagando, sedutor, a sua fantasia e, sem querer, aí volta à sua frente uma nova cavalgada de visões. Reina o silêncio no pequeno quarto; a solidão e o ócio acariciam a sua imaginação que, suavemente, começa a esquentar-se; produz-se nela um leve movimento, uma espécie de fervura imperceptível semelhante à da água na máquina de café da velha Matriona que anda por ali perto na sua lida, na cozinha, fazendo placidamente o café; demora tanto e só agora começou a ferver... De súbito, ainda antes de ter chegado à terceira página, das mãos do nosso sonhador tomba o livro que maquinalmente, apenas por hábito, tinha tirado da prateleira. A força da sua imaginação voltou a reanimar-se e, como por encanto, eis que surge em seu redor um novo mundo, uma nova vida encantadora. Um novo

sonho... uma nova felicidade. Novo, requintado e doce veneno... Oh, que lhe interessa a ele esta vida real! Segundo a sua limitada maneira de ver, nós, os outros, ó Nástienhka! levamos uma vida lenta, monótona e vazia. Segundo ele pensa, estamos todos descontentes com a nossa sorte e atormentados pela existência... E de fato é verdade: há de reparar como entre nós, os que não somos sonhadores, ao primeiro olhar tudo parece frio, árido e hostil, como se tudo fosse mau e inimigo... "Coitados!", pensa o meu sonhador. E não é nada de estranho ele pensar assim. A Nástienhka não pode ver essas visões mágicas que surgem à sua frente, tão sedutoras, tão magníficas, tão sem limites, como que nascidas do próprio nada, visões em cujo primeiro plano aparece sempre, nem seria preciso dizê-lo, o nosso sonhador com o seu eu tão querido. Não pode ver que aventuras, que série inesperada de coisas lhe acontecem. A Nástienhka pergunta: "Mas com que sonha o senhor?" Para que perguntá-lo? Sonho simplesmente com tudo, com tudo... Com o destino dum poeta que a princípio não é reconhecido e mais tarde vem a despertar um interesse universal; na sua amizade com E. T. A. Hoffmann, com a noite de São Bartolomeu[7], com

[7] Matança de huguenotes em Paris, na noite de 23 pára 24

Diana Vernon[8], com uma ação heróica na tomada da cidade de Kazan[9] pelo czar Ivan Vassílievitch[10], com uma estrela do tablado, com uma bailarina, com João Huss[11] antes do Concilio, com a ressurreição dos mortos em *Roberto, o Diabo*[12] (conhece essa partitura? Cheira a cemitério), com Minna[13] e seus comparsas, com a batalha de Berezina[14], com a recitação de uma poesia em casa da condessa V. D., com Danton, com Cleópatra e *i suoi amanti*, com uma casinha de Kolomna[15], com um cantinho muito petersburguês onde pudesse ter

---

de agosto de 1572, Por instigação de Catarina de Médicis e dos Guises, com a consentimento de Carlos IX, rei da França. Houve então cerca de vinte e cinco mil mortos.

[8] Personagem de Walter Scott em *Rob Roy*.

[9] Importante cidade a meio caminho entre Moscou e os Urais, próxima do Volga, hoje capital da República Autônoma Tártara.

[10] Ivan IV, conhecido também por Ivan, o Terrível.

[11] Reformador religioso tcheco. Adotou as idéias de Wicleff, foi excomungado por Alexandre V e queimado vivo por sentença do Concilio de Constança. Suas cinzas foram atiradas ao Reno. (1369-1415).

[12] Ópera histórico-legendária, em cinco atos, com música de Meyerbeer e libreto de Scribe e Dalavigne, estreada em Paris em 1831.

[13] Personagem de Walter Scott em *Minna e Brenda*.

[14] Rio da Rússia Branca, afluente do Dnieper. Em 1812, ao atravessá-lo, sm retirada, as tropas de Napoleão sofreram grande desastre.

[15] *A Casinha de Kolomna*, poema de Púchkin.

sentadinha a seu lado uma mulherzinha muito amada que, com a boquinha e os olhos muito abertos, o escutasse nos serões do inverno... tal qual como a Nástienhka me está escutando agora, minha pombinha... Não, Nástienhka, que lhe importa a ele, ao nosso apaixonado preguiçoso, que lhe importa esta vida terrestre que a nós tanto nos encanta? Para ele é uma pobre, uma mísera vida que merece compaixão, e nem sequer supõe que também alguma vez há de chegar para ele a hora em que daria com gosto todas as suas fantasias por um só dia dessa vida, e até mesmo, não por um dia alegre, ou por uma felicidade, pois nem sequer há de poder escolher nessa hora de pesar, de arrependimento, e de autêntica dor. Mas por enquanto não chegou ainda esse dia terrível... e ele nada deseja porque paira acima de todos os desejos, porque já os tem todos, porque já está repleto e é o próprio artista da sua vida, e pode a todo instante modelá-la à sua vontade. E surge tão fácil tão naturalmente, esse fantástico mundo de fábula, como se tudo não fosse senão uma invenção do cérebro. Na verdade somos freqüentemente tentados a acreditar que toda essa vida não é urna criação da sensibilidade, nem um caprichoso jogo insubstancial ou uma invenção enganadora, mas uma autêntica realidade, uma coisa que existe realmente, algo

de real e de palpável. Pois diga-me Nástienhka: por que será que nos instantes dessa vida irreal chegamos a conter a respiração? Por quê? Qual o motivo por que, como por efeito de um sortilégio inexplicável, o nosso pulso bate mais depressa, as lágrimas afluem aos nossos olhos, as faces do sonhador ficam afogueadas e todo o seu ser parece dilatar-se num prazer arrebatador? Por que existem para ele noites inteiras que passa mergulhado numa profunda alegria, numa felicidade, sem pensar em dormir nem por um momento? E quando a manhã volta a brilhar com róseos matizes nos vidros das janelas e os primeiros alvores do dia penetram com a sua luz indecisa e vaga no aposento, e o nosso sonhador, rendido e esgotado, se estende no leito e fica adormecido — por que terá ele então a impressão de que vai morrer de pura felicidade, com todo o seu espírito quase doentiamente comovido, e por cima de tudo isto, com uma dor penosa e doce no coração? Sim, Nástienhka; é assim que nós nos iludimos e, como estranhos, julgamos involuntariamente que uma paixão verdadeira, física, comove a nossa alma. Involuntariamente acreditamos que nos nossos sonhos incorpóreos há qualquer coisa de vivo e de palpável. Mas que ilusão! Suponhamos, por exemplo, que no peito do sonhador despertou o amor com toda a sua dor

inesgotável... Basta que olhemos para ele para ficarmos convencidos da realidade do seu sentimento. Ao vê-lo assim, querida Nástienhka, poderá acreditar que ele nem sequer conhece aquela que ama nesses seus sonhos encantados? Viu-a ele alguma vez que não fosse nas obcecantes visões da sua fantasia? E fez ele outra coisa que não fosse... sonhar com essa paixão? Não é verdade que ela tem sempre continuado, ao longo dos anos da sua vida, levada pela mão... formando os dois um parzinho... e sem preocupar-se com unir a sua vida à do seu rival? Não é verdade que, quando ele se despediu, já tarde, ela se deixou tombar chorando contra o seu peito, sem reparar na tormenta desencadeada debaixo do céu inclemente, sem se aperceber do vendaval que secava as lágrimas sobre as suas faces? Teria sido então tudo isto um simples sonhar acordado... e também o jardim solitário e abandonado, com os carreirinhos cobertos de erva, em que ambos passearam tantas vezes de mãos dadas, erguendo ilusões, e em que se desejaram e se amaram *tão triste e docemente*, segundo a frase da velha canção? E também essa antiga e arruinada mansão senhorial em que ela viveu tanto tempo só e triste, com aquele marido velho e austero que, eternamente calado e carrancudo, apoquentava como um espectro

os dois amantes que escondiam o seu amor como crianças tímidas? Como sofriam, como temiam, que puro e inocente era esse amor, e como — nem é preciso dizê-lo — como eram maus os outros homens, Nástienhka! E, meu Deus, não tornou ele a vê-la realmente, passado algum tempo, longe da pátria, debaixo dum céu estranho do Sul, num palácio — tinha que ser num palácio — numa cidade eterna e maravilhosa, num salão de baile e ao som duma música embriagadora? Não teriam eles então estado os dois encostados à janela emoldurada de mirtos e de rosas, e ela, tirando a máscara, não disse ao seu ouvido: “Sou livre!”, e ele não a estreitou depois nos seus braços, doido de felicidade, e não se cingiram realmente os seus corpos, e por um instante esqueceram todas as suas dores e o tormento da separação, a casa sombria, o velho conde, o jardim abandonado na pátria longínqua, e o banco em que trocaram os últimos beijos apaixonados, para finalmente se desprenderem os seus braços? Oh, sim! Não há mais remédio senão concordar, Nástienhka, que é uma coisa bem natural que uma pessoa se excite e se faça vermelha, e fique perturbada como um colegial apanhado numa travessura, como se tivesse acabado de guardar uma maçã roubada numa chácara alheia, quando de repente se abre a porta de casa e surge entre os

umbrais um rapazelho sadio, um moço sempre alegre e jovial que nos saúda alegremente, como se nada tivesse acontecido. “Meu caro, acabo de chegar de Pávlovsk[16].” Meu Deus! Tinha morrido o velho conde e ela estava livre! Sentimo-nos alagados numa felicidade inconcebível. Era esta a notícia que nos traziam de Pávlovsk.

Fiz uma pausa, pois o meu apaixonado solilóquio estava a chegar ao fim. Devo dizer ainda que eu tinha uma vontade enorme de irromper numa gargalhada forte, estrepitosa, de deixar sair de dentro de mim qualquer coisa que vinha envolta em risos, pois sentia que efetivamente no meu íntimo começava a bulir e a apertar-me a garganta um diabinho malicioso que me fazia cócegas no queixo e nas pálpebras...

Naturalmente eu esperava que Nástienhka, que me olhava com uns olhos imensos de mulher compreensiva, se pusesse a rir de um modo infantil, irreprimível, e lamentava já ter ido tão longe nas minhas confidencias e ter-lhe contado coisas que já há tanto trazia no meu íntimo, e que por isso podia expor-lhes

[16] Pequena cidade, lugar de vilegialura, 25 km ao Sul de Petersburgo, célebre, na época, pelos seus concertos musicais.

como se as fosse lendo em algum livro aberto. Durante anos inteiros tinha-me preparado para julgar a mim próprio como um réu e para ditar a minha própria sentença; e agora, realmente, não conseguira conter-me e tinha pronunciado a sentença, se bem que, para falar francamente, sem cair na ilusão de que pudesse ser compreendido. Mas, com grande assombro da minha parte, ela ficou calada por um momento e depois apertou suavemente a minha mão e perguntou-me num tom de estranha e terna simpatia:

— Mas, na verdade, tem passado assim toda a sua vida?

— Toda a minha vida, Nástienhka — respondi — desde que vivo neste mundo, e creio que há de ser assim até ao fim.

— Não, isso não; não é possível que seja assim — protestou ela com inquietação visível — e também não é assim. Então também podia ser possível que eu viesse a passar toda a minha vida ao lado da minha avó. Escute: sabe que não é nada agradável levar sempre essa vida?

— Bem sei, Nástienhka, se sei! — exclamei eu sem poder ocultar os meus

sentimentos. — E agora sei, melhor do que antes, que perdi inutilmente os melhores anos da minha vida. Sim, bem o sei, e este conhecimento dói-me agora mais do que nunca, uma vez que Deus me enviou você, meu anjo bom, para dizer-mo e demonstrar-mo. Agora que estou sentado a seu lado e que falo com você, infunde-me um extraordinário desalento pensar no que há de vir, pois na vida que tenho ainda à minha frente... apenas vejo solidão, e de novo essa vida ociosa, inútil e aborrecida. E que hei de eu sonhar então que seja mais belo do que a vida, depois de ter realmente gozado aqui, ao seu lado, instantes tão felizes? Oh, bendita seja, minha amiga encantadora, por não me ter afastado logo às primeiras palavras! É graças a isso que eu posso dizer que, pelo menos, ainda tive duas noites felizes na minha vida!

— Ah, não, não! — exclamou Nástienhka com os olhos brilhantes de lágrimas. — Não, isso não pode ser. Não nos podemos separar assim. O que são duas noites?

— Ah, Nástienhka, Nástienhka! Sabe que consegui reconciliar-me comigo mesmo para muito tempo? Sabe que daqui para diante já não hei de ter pensamentos tão negros como em muitos momentos anteriores? Sabe que talvez

eu já não torne a preocupar-me por ter incorrido num pecado e num delito, se é que uma vida dessas é pecado e delito? E não julgue que exagero de qualquer maneira, Nástienhka; não pense isso, por amor de Deus! Há momentos em que sinto tal tristeza, tal espanto... Nesses momentos chega a parecer-me e até começo a acreditá-lo, que já não poderei iniciar nenhuma vida nova, pois já por mais de uma vez tive a impressão de que perdia todo o sentimento e toda a sensibilidade para tudo quanto é realidade e vida verdadeira; porque eu me amaldiçoei a mim mesmo; porque às minhas noites fantásticas se seguem momentos de prostração que são terríveis. E para além de tudo isto acabamos por sentir que as massas humanas se agitam à nossa volta em ruidoso tropel, ouvimos e vemos como vivem as criaturas: o que se chama viver, viver de verdade e acordado, e chegamos a verificar que a nossa vida não obedece à nossa vontade, que a nossa vida não se deixa moldar como um sonho, que eternamente se renova e fica eternamente jovem, e nela nenhuma hora é igual à que se segue, enquanto a horrível fantasia, essa nossa força de imaginação, acaba por ficar desconsolada e suscetível, e monótona ate à vulgaridade, escrava da sombra, do puro pensamento, escrava das primeiras nuvenzinhas

que de repente cobrem o sol e oprimem numa dor amarga o nosso coração que tanto ama esse mesmo sol. E até na própria dor, que fantasia! Sentimos que, por fim, essa mesma fantasia que parece inesgotável, há de esgotar-se na sua eterna tensão, pois nos vamos tornando mais viris e amadurecidos, e superamos os nossos antigos ideais, que se desvanecem e se reduzem a palavras e a pó. E se depois não houver outra vida, temos de nos pôr a reunir os restos desse entulho para com eles voltarmos a refazê-la. E contudo a nossa alma reclama e anseia por alguma coisa completamente diferente. E em vão o sonhador remexe nos seus antigos sonhos, como se ainda procurasse no rescaldo uma centelha, uma só, por pequena que fosse, sobre a qual pudesse soprar, e com a nova chama assim ateada aquecer depois o coração enregelado e voltar a despertar nele o que dantes lhe era tão querido, o que comovia a nossa alma e nos arrebatava o sangue, aquilo que fazia subir as lágrimas aos nossos olhos e que era uma ilusão tão bela. Nástienhka, sabe até onde é que eu cheguei? Sabe que até me vejo na obrigação de celebrar o jubileu das minhas sensações, o aniversário daquilo que um dia foi maravilhoso e que no entanto nunca existiu, pois esses aniversários comemoram todos os mesmos sonhos vãos e loucos? Sabe

que apesar disso tenho de o fazer, porque a esses sonhos loucos nem sequer se seguem já outros que os substituam e afugentem? Pois os sonhos precisam também de ser substituídos... Sozinhos, de per si, nunca terminam e sobrevivem a si mesmos, sabe? Agora procuro de preferência os locais em que um dia fui feliz, feliz à minha maneira, e tento pela imaginação imprimir ao presente a forma do passado que não volta, ou então evocar esse próprio passado; e então, como uma sombra, ponho-me muitas vezes a dar voltas sem objetivo pelas ruelas de Petersburgo. Lembro-me neste momento, por exemplo, de que faz agora um ano, ia eu por este passeio, a esta mesma hora, tão só e triste como hoje. E recordo que os meus pensamentos de então eram tão tristes como os de agora, e se bem que o passado não seja melhor, parece-nos sempre que o foi, como se tivéssemos então vivido mais placidamente e não tivéssemos sentido ao de cima da alma essa vaga melancolia que agora nos persegue; que não sentíamos esses remorsos de consciência que nos atormentam de um modo tão doloroso e persistente, e não nos deixam um momento de repouso, nem de dia, nem de noite. E uma pessoa abana a cabeça e murmura: “Como os anos passam depressa!” E pergunta ainda: “Que fizeste durante esse tempo?

Chegaste realmente a viver ou não?" "Olha, dizemos nós para nós mesmos, repara que frio faz neste mundo. Basta que passem mais uns anos para que chegue a espantosa solidão, a trêmula velhice que traz consigo a tristeza e a dor. O teu mundo fantástico há de perder então as suas cores, murcharão e morrerão os teus sonhos, e como as folhas amarelas que tombam das árvores, também eles cairão de ti..." Ó Nástienhka! Que tristeza então ver-mo-nos sozinhos, completamente sozinhos, e não termos de que nos lamentarmos... nem isso, ao menos! Pois tudo aquilo que perdemos nada era, nada mais do que um zero, um simples zero: apenas uma ilusão.

— Mas por amor de Deus, acabe, não me aflija mais — exclamou Nástienhka enxugando uma lagrimazinha que lhe corria pelo rosto. — Agora tudo isso passou. Agora nunca mais estaremos sós pois, aconteça o que acontecer, havemos de ser sempre amigos. Escute: eu sou uma pessoa inculta; não estudei muito, embora a minha avó me tenha arranjado professores; mas acredite, eu o compreendo muito, muito bem, pois tudo isso que me contou também eu o sentia quando estava sentada perto de minha avó. É claro que nunca poderia contá-lo assim tão bem, porque não tenho estudos —

acrescentou baixinho, pois o meu patético arrazoado tinha-lhe infundido um certo respeito — mas estou muito contente por ter merecido essas confidencias. Agora já o conheço, conheço-o a fundo. E sabe o que lhe digo? Que lhe vou contar também a minha história, desde o princípio até ao fim, e depois há de dar-me um conselho. Você é um homem inteligente, já sei: mas há de prometer-me que, depois de me ter escutado, dará uma opinião sincera.

— Ah, Nástienhka! — respondi-lhe. — Eu nunca dei conselhos a ninguém e também não possuo essa inteligência a que se referiu; mas agora vejo bem que se tivéssemos vivido sempre assim, havia realmente de chegar a tê-la e que poderíamos dar um ao outro grandes conselhos de prudência. Pois bem, encantadora Nástienhka: de que conselho precisa? Diga-mo sem rodeios. Eu estou agora tão contente, tão .alegre, sinto-me tão feliz que provavelmente não seria preciso puxar-me pela língua, como costuma dizer-se.

— Não, não! — exclamou Nástienhka com precipitação. — Eu preciso de um conselho prudente, um conselho saído do coração, um conselho sinceramente amigo e que me seja dado, repare, como se você tivesse gostado de

mim durante toda a vida.

— Bem, Nástienhka, combinado! — exclamei eu. — Mas acredite que se eu gostasse de você já há vinte anos, não gostaria mais fervorosamente do que neste momento.

— Dê-me a sua mão! — disse Nástienhka.

— Aqui a tem!

— Bem, então muita atenção, que lhe vou contar a minha história.

HISTÓRIA DE NÁSTIENHKA

— Metade da minha história você já conhece, quero dizer, já sabe que eu tenho uma avó...

— Se a outra metade não é mais comprida do que a primeira... — objetei eu sorrindo.

— Fique em silêncio e escute-me. Antes de mais nada, uma condição: não há de interromper-me, pois, do contrário, acabaria por atrapalhar-me. Portanto, atenção. Eu tenho uma avó. Vivo com ela desde criança, pois fiquei órfã

de pai e mãe quando era ainda pequena. Julgo que a minha avó foi rica noutros tempos, porque esta sempre a falar dos belos dias que se foram. Foi ela quem me ensinou o francês, embora depois me tivesse arranjado um professor.

Aos quinze anos — agora tenho dezessete — deixei de estudar. Foi por essa época que fiz 'aquela diabrura. Não poderia dizer-lhe concretamente que diabrura foi: basta que lhe diga que não foi nenhuma coisa do outro mundo. Mas ainda assim o resultado foi que a minha avó me chamou uma certa manhã e disse-me que, como não podia vigiar-me por causa da sua cegueira, tinha decidido, e assim o fez, pegar num alfinete e prender as minhas saias às suas, participando-me que havíamos de passar assim a vida as duas se eu não me emendasse. A princípio não encontrei qualquer possibilidade de libertar-me; a única coisa que fiz foi trabalhar, ler e estudar; isto tudo, sempre agarrada às fraldas da vovó. Uma vez recorri a uma artimanha e disse a Fiokla que se sentasse no meu lugar. A tal Fiokla é a nossa criada e é surda, coitada. Foi assim que ela tomou o meu lugar quando a avozinha estava já adormecida na sua poltrona. Eu aproveitei e saí correndo em busca de uma amiga que tinha na vizinhança. Mas a coisa não nos saiu bem. A vovó acordou

antes que eu tivesse regressado, e perguntou não sei o que, julgando que eu estava ao seu lado, como sempre, pois, como disse, ela é cega. Mas Fiokla, que a viu falar, não pôde perceber o que ela dizia por causa da surdez; e foi assim que a infeliz, depois de ter meditado muito sobre o que havia de fazer, tirou o alfinete e, correndo, veio buscar-me...

Nástienhka desatou a rir. Eu, naturalmente, imitei-a. Mas depois tornou logo a ficar séria.

— Olhe, não se ria da minha avó. Eu, se me rio, é por causa do cômico da situação. Que havemos de fazer-lhe? A vovó, coitada, é assim... Mas fique sabendo que, apesar de tudo, gosto dela. Pois bem: quando voltei para casa esperava-me um bom carão; tive de ir sentar-me imediatamente junto dela, as minhas roupas foram outra vez presas às suas, e depois... meu Deus! Não podia mexer-me! Ah! Esqueci-me de dizer-lhe que nós, ou melhor, que a minha avó é proprietária de uma casinha, uma casinha de madeira apenas com três janelas na fachada, muito engraçada e tão velha como a sua dona. Mas tem um quarto no andar de cima e a vovó arranjou um inquilino para lá.

— Então também tinham um hóspede? — perguntei eu como por acaso.

— Tínhamos — respondeu Nástienhka — e por sinal que sabia ficar calado, muito melhor do que você. Além disso ele mal sabia mexer a língua. Era um velhinho miúdo, surdo, encarquilhado, tonto, cego e paralítico, de maneira que não podia continuar por muito tempo neste mundo e por isso resolveu morrer. Depois o quarto ficou livre e tivemos de procurar um novo inquilino, pois prenda do quarto e a pensão da vovó são os nossos únicos recursos, u novo inquilino era um rapazinho, que não era de Petersburgo. Como nem sequer tentou discutir o preço do quarto, a vovó alugou-lho; mas mal ele se tinha retirado, perguntou-me: “Nástienhka, o inquilino é velho ou novo?” Eu não quis mentir-lhe e disse-lhe: “Muito novo, muito novo, não é, avozinha; mas também não é velho.”

“E que aspecto tem? É pessoa distinta?”, perguntou-me ela ainda. Eu, mais uma vez não quis mentir-lhe: “Sim, avozinha, — disse-lhe — tem um aspecto muito distinto.” Mas a minha avó suspirou:

— Ah, minha filha! Isto é uma prova a que

Deus nos vai sujeitar. Digo-te isto, minha filha, para que não olhes para ele muitas vezes. Os tempos estão de uma tal maneira! Um inquilino pobre e entretanto, com um aspecto distinto! Dantes era tudo muito diferente.

A vovó estava sempre intrometendo os tempos passados à conversa. Nesse tempo ela era mais nova, o sol brilhava mais e aquecia melhor, e a nata não azedava tão depressa... Tudo era melhor no seu tempo. Eu, enquanto ela dizia estas coisas, permanecia sentada e calada; mas dizia cá para comigo: “Que intenção teria tido a avozinha quando me perguntou se o inquilino é novo e distinto?” Mas isso foi um pensamento fugaz, e depois pus-me outra vez a contar as malhas e continuei a fazer meia, como se nada tivesse acontecido. Mas uma manhã.. - eis que de repente entra o nosso inquilino na sala onde nós estávamos, para nos perguntar pelo tapete que lhe tínhamos prometido para o seu quarto. As palavras começam a enrolar-se. A avozinha fala pelos cotovelos e depois vai e diz-me: “Nástienhka, vai ao meu quarto e traz o ábaco.” Eu me pus imediatamente de pé, o sangue subiu-me ao rosto, não sei por que, ao mesmo tempo esqueci-me completamente de que estava presa às suas roupas e, em vez de tirar o alfinete às escondidas, para que o

inquilino não visse, dei um puxão tão forte que acabei indo rolar atrás da cadeira da minha avó. Mas, ao ver que o inquilino tinha percebido tudo, pus-me ainda mais corada e fiquei ali especada; de súbito rompi a chorar... De tal maneira me envergonhava de ter rolado pelo chão. Mas a vovó então me disse: “Que estás fazendo aí? Por que não vais buscar aquilo que te disse? Anda, vai.” Mas eu redobrava o meu choro. Então o inquilino compreendeu que eu estava envergonhada por ele ter assistido à cena, despediu-se rapidamente e foi-se embora. A partir dessa tarde, mal sentia qualquer ruído lá fora, o meu coração dava logo um pulo. “Será o inquilino que nos vem visitar?”, pensava eu e em seguida ia e desprendia o alfinete devagarinho, para que a vovó não desse por isso. Mas afinal nunca era ele... Ele não vinha. E assim passaram duas semanas. Até que um dia nos mandou dizer por Fiokla que tinha muitos e bons livros, e se a vovó queria que eu lhe lesse alguns para distraí-la. A vovó, agradecida, aceitou o oferecimento, limitando-se a perguntar-lhe se na verdade eram livros decentes, “pois se são imorais — disse — não poderás lê-los de maneira nenhuma, Nástienhka, porque tiravas deles um mau proveito.”

— Então o que é que eu devo ler,

avozinha? — perguntei-lhe. — O que dizem os livros maus?

— Coisas más, minha filha. É neles que se descreve a maneira como os jovens libertinos seduzem as meninas honestas; como, com a promessa de casamento, as tiram de casa de seus pais e depois as abandonam, e como as desventuradas acabam sempre mal. Eu — disse a minha avó — li muitos desses livros e todos eles — acrescentou — descrevem tudo tão ao natural, que uma pessoa até passa a noite sem dar por isso. E por isso, Nástienhka — concluiu — cuidado com os livros desse gênero. Que livros nos mandou ele?

— Romances de Walter Scott, avozinha — disse eu.

— Ah! Romances de Walter Scott. Mas tem muito cuidado, pode esconder-se neles algo de suspeito. Quem sabe se ele não pôs entre essas páginas alguma cartinha de amor!

— Não, avozinha, aqui não há nenhuma.

— Vê bem por todos os lados, até na capa; às vezes escondem aí as cartas.

— Não, avozinha — disse-lhe eu —

também não há nada na capa.

— Bem; mas não te esqueças que toda a cautela é pouca — respondeu-me ela.

E assim começamos a ler Walter Scott, e em coisa de um mês tínhamos já dado conta de quase metade dos livros. A seguir ele enviou-nos outros, entre os quais vinham as obras de Púchkin, de maneira que eu já não podia estar sem ler e por causa dos livros esqueci-me completamente que podia casar-me com um príncipe chinês. Estavam as coisas neste pé quando por acaso me encontrei um dia com o nosso inquilino na escada. A avozinha tinha-me mandado buscar qualquer coisa. Ele passou e eu me fiz muito corada... e ele também enrubesceu; depois sorriu e cumprimentou-me perguntando-me pela saúde da avó. A seguir perguntou-me se eu já tinha lido os livros. E eu lhe respondi:

— Já, já.

— É mesmo? E de qual é que gostou mais? Respondi-lhe:

— Aqueles de que mais gostei, foram *Ivanhoé* e as obras de Púchkin.

E com isto, por aquela vez, demos por terminada a nossa conversa. Ao fim de uma semana tornei a encontrá-lo outra vez na escada. Mas nesse dia a avó não me tinha mandado buscar nada, era eu quem precisava de qualquer coisa. Deviam ser duas da tarde e eu sabia que era essa a hora a que o nosso inquilino costumava vir a casa.

— Boa tarde! — disse-me ele.

— Boa tarde! — respondi-lhe eu.

— Não se aborrece de estar assim todo o dia sentada perto da sua avó? — perguntou-me.

Ao ouvir aquela pergunta, não sei por que... o que é certo é que tornei a fazer-me corada, envergonhei-me e fiquei um tanto ofendida com as suas palavras... talvez porque já não fosse ele o primeiro que me fazia aquela pergunta. Estive quase tentada a retirar-me sem responder, mas faltaram-me as forças.

— Você é uma boa menina — disse ele. — Desculpe-me que lhe fale desta maneira, mas garanto-lhe que gostaria de lhe proporcionar uns momentos mais agradáveis do que aqueles que lhe proporciona a sua avó. Não tem amigas com quem se dê?

Respondi-lhe que não tinha nenhuma, pois Máchenhka, a minha única amiga, tinha ido para Pskov.

— Gostaria de vir um dia comigo ao teatro? — perguntou-me ele.

— Ao teatro? — perguntei eu por minha vez. — E minha avó?

— Espere! — disse ele. — Não tem necessidade de lho dizer... Pode vir sem ela saber...

— Não — disse-lhe eu; — não quero enganar a vovó. Adeus, passe muito bem!

Ele se limitou a cumprimentar-me, sem me dizer uma palavra. Nessa tarde, logo que acabou de comer, veio visitar-nos. Sentou-se, pôs-se a falar com a vovó e perguntou-lhe se nunca saía de casa, se não tinha amizades... e, de repente, disse:

— Comprei um camarote para a ópera, para esta noite: cantam *O Barbeiro de Sevilha*; mas os amigos com quem eu tinha combinado ir esta noite, já não podem, surgiu-lhes inesperadamente um contra-tempo. Por isso tenho de ir sozinho!

— *O Barbeiro de Sevilha*! — exclamou a vovó. — É o mesmo Barbeiro que cantavam noutros tempos?

— Sim, minha senhora — respondeu ele. — O mesmo.

E ao dizer isto olhou para mim. Mas eu já tinha percebido tudo, corei, e o coração palpitava-me de ansiedade.

— Então conheço-o! — exclamou a avó. — Como é que não havia de conhecê-lo? Se cantei a parte de Rosina, sobre os palcos, quando era nova!

— Então não gostava de tornar a ouvi-lo esta noite na Ópera? — perguntou-lhe ele. — Assim já não se perdia o bilhete...

— Bem, por mim, vou — exclamou a minha avó. — Por que não havíamos de ir? E também Nástienhka nunca foi a um teatro!

Que alegria, meu Deus! Vestimo-nos e marchamos para a Ópera! A vovó está cega e já é muito velhota, mas pelo menos queria ouvir a música e, além disso, aceitou o convite principalmente por minha causa, para que eu me divertisse, pois a não ser por aquele processo,

nunca teríamos ido à Ópera. Qual a impressão que me teria feito *O Barbeiro de Sevilha*... nem é preciso que lho diga, pois já deve calcular.

Ele esteve sempre a olhar para mim naquela noite com um ar muito afetuoso, e eu compreendi então que aquilo que ele me tinha dito na escada tinha sido apenas para me experimentar, para ver se eu era capaz de ir com ele ao teatro sozinha. E então fiquei muito satisfeita por lhe ter respondido daquela maneira. Quando me deitei, nessa noite, estava tão orgulhosa e tão alegre, e o coração pulsava-me com tanta força que tive até um pouco de febre e estive sempre a sonhar com o tal *Barbeiro*.

Eu pensava, naturalmente, que dali em diante o nosso inquilino iria tornar mais freqüente as suas visitas... mas enganei-me. Quase nunca mais nos visitou. Apenas o fazia uma vez por mês e somente para nos convidar a ir com ele ao teatro. Ainda fomos mais duas vezes com ele, mas... a mim, aquilo não me agradava. Eu percebia que apenas lhe inspirava compaixão, e nada mais, por causa de estar assim constantemente presa às roupas da minha avó. E quanto mais aquilo se prolongava, mais me aborrecia; não podia estar sentada,

nem ler, nem trabalhar, por mais que me esforçasse. Às vezes ria-me e fazia qualquer coisa que eu sabia perfeitamente que ia desgostar a vovó. Mas depois ficava quase a chorar, quando não chorava mesmo a valer; Finalmente acabei por cair quase doente. A temporada da Ópera estava a acabar e o nosso inquilino deixou por completo de nos visitar. Mas quando nos encontrávamos — na escada, evidentemente — cumprimentava-me muito sério e silencioso e passava junto de mim como se não me quisesse falar, e quando ele já estava lá em cima há muito tempo, ainda eu estava na escada, corada como uma cereja, pois o sangue subia-me às faces assim que punha os olhos nele.

A minha história está prestes a acabar. Fez precisamente um ano em maio que o nosso inquilino voltou a visitar-nos, depois de uma larga ausência, e disse à minha avó que tinha arrumado já os assuntos que precisava de tratar aqui e que por isso se via obrigado a ir viver durante um ano em Moscou. Quando o ouvi dizer aquilo empalideci e deixei-me cair sobre uma cadeira... Julguei que ia morrer.

Que hei de fazer? Perguntava e tornava a perguntar a mim mesma, torturava a cabeça,

afligia-me, até que por fim tomei uma resolução. “Amanhã ele vai-se embora”, disse, e decidi-me naquela mesma noite, enquanto minha avó dormia, a preparar também as minhas coisas. Dito e feito. Fiz um embrulho com os meus vestidos e a roupa branca de que precisava e, com o embrulho na mão, mais morta do que viva, subi as escadas até ao andar do nosso inquilino. Creio que devia ter levado quase uma hora a subir aquela escada. Quando abriu a porta do quarto, deu um pulo e olhou para mim, como se eu fosse um fantasma. Mas isso foi coisa de um momento. Depois foi logo buscar um copo d’água, trouxe-mo e deu-mo a beber, pois eu mal podia ter-me de pé. O coração batia-me tão forte que até me doía a cabeça e parecia que já nem compreendia nada. Mas quando voltei a mim, a única coisa que fiz foi pôr o embrulho em cima da cama dele, sentar-me ao lado, tapar a cara com as mãos e romper numa torrente de lágrimas. Creio que ele percebeu tudo imediatamente, pois sentou-se junto de mim, ficou muito pálido e deteve-se a olhar-me com tanta tristeza que se me partia o coração.

— Escute — começou — escute, Nástienhka, eu não posso. Eu sou pobre! De momento não posso contar com coisa nenhuma, nem sequer com uma colocação. De que iríamos

nós viver se nos casássemos?

Falamos durante muito tempo. Por fim, eu perdi completamente 0 domínio sobre mim própria e disse que não podia continuar a viver com a vovó, que queria ir-me embora e não estava disposta a consentir que me prendessem pelas saias; que se ele quisesse estava disposta a acompanhá-lo a Moscou, pois já não podia viver sem ele! Vergonha, amor e orgulho... Tudo isto eu sentia ao mesmo tempo; e como que atacada de convulsões, deixei-me cair sobre a cama. Tinha tanto medo de um desaire! Ele ficou um momento calado, depois levantou-se, aproximou-se de mini e puxou-me por uma mão.

— Ouve, minha querida, minha boa Nástienhka — disse-me, e a voz dele era trêmula de choro — ouve-me: juro-te que se algum dia me encontrar em situação que possa casar-me, serás tu a minha eleita, aquela que espero me há de fazer feliz. Juro-te que não poderia ser outra senão tu. Mas ouve ainda uma coisa: eu, agora, tenho de partir para Moscou, onde devo ficar um ano. Espero arranjar uma colocação durante este tempo. Se quando eu voltar tu ainda gostares de mim. juro-te que havemos de ser felizes os dois. Mas agora é impossível, estou na maior pobreza e não tenho

o direito de prometer-te nada. Mas se daqui a um ano também ainda não estiver na situação de o fazer, esperaremos um pouco mais até que por fim havemos de conseguir o que desejamos... Claro que se até lá não tiveres dado a outro a tua preferência, pois eu não te obrigo com nenhuma palavra, não posso nem devo fazê-lo.

Assim me falou ele e no dia seguinte partiu. Mas antes de se jr embora ainda nos tornamos a falar e combinamos não dizer nada a minha avó. Foi ele quem assim o quis. É aqui que... acaba a minha história. Desde essa data até agora já passou precisamente um ano. Ele voltou, já há três dias e...

— E quê? — perguntei-lhe eu inquieto.

— Até agora ainda não veio visitar-nos! — terminou Nástienhka esforçando-se por se dominar. — Nem uma palavra, nem uma carta!

Deteve-se, permaneceu um momento silenciosa, baixou a cabeça cobrindo o rosto com as mãos, e rompeu num pranto tão desconsolado que me partia o coração.

Nunca tinha esperado este desfecho.

— Nástienhka! — exclamei, pondo na minha voz a maior bondade e a mais profunda simpatia. — Nástienhka! Pelo amor de Deus, não chore assim! Quem lhe deu essas notícias? Pode ser que ele nem sequer esteja aqui...

— Está aqui, está — confirmou ela com insistência. — Naquela noite, antes da sua partida, combinamos uma coisa... Quando tivemos aquela explicação que acabei de lhe contar, viemos aqui a este lugar, e andamos passeando por aqui. Eram dez horas e estivemos sentados neste mesmo banco. Eu então já não chorava, pois sentia um prazer tão grande em escutá-lo... Ele me afirmava que havia de vir visitar-nos quando voltasse, e que se eu não me opusesse, então diríamos tudo à minha avó. Mas agora já voltou, sei muito bem, e no entanto não veio ver-nos, não veio!

E começou outra vez a chorar.

— Valha-me Deus! Não sei o que hei de fazer por você! — exclamei e, na minha inquietação, levantei-me do banco. — Diga-me, Nástienhka, não seria possível ir eu procurá-lo e falar-lhe?

— Você, ir procurá-lo? — perguntou ela erguendo os olhos de repente.

— Bem, não era bem isso o que eu queria dizer, evidentemente! Mas escute... por que não lhe escreve uma carta?

— Não, isso não pode ser, não me fica bem! — respondeu ela rapidamente, baixando a cabecinha, sem olhar para mim.

— Mas por que não, afinal? Por que é que não pode ser? — continuei pois o meu plano começava a agradar-me. — A questão está na carta que lhe iria escrever! Há cartas e cartas... Ai, Nástienhka, tenha pena de mim, apesar de tudo! Eu não quero aconselhá-la mal! Acredite que não tem nada de especial que faça isso! Também foi a Nástienhka, afinal, quem deu o primeiro passo... Por que não quer agora?

— Não, não, isso não está certo. Seria quase colocar-me à frente dos seus olhos...

— Ah, que menina esta! — interrompi-a eu sem ocultar o meu sorriso. — E afinal está no seu direito de fazê-lo, desde que ele lhe deu a sua palavra. Além disso ele — segundo o que deduzo daquilo que me contou — também é uma boa pessoa — prossegui eu envolvendo-me cada vez mais na lógica das minhas deduções e conclusões. — Como se conduziu ele com você naquela altura? Não é verdade que se

comprometeu com aquela promessa? Ele disse-lhe que só se casaria quando estivesse em condição de o fazer, e quanto a você, em compensação, deixou-a em completa liberdade; por isso, se quiser, pode desligar-se dele em qualquer momento... Portanto é a Nástienhka quem deve dar agora o primeiro passo, visto que ele lhe deixou em tudo o direito de prioridade... Precisamente como se se tratasse agora de desligar-se da palavra dada ou de outra coisa qualquer...

— Diga-me: no meu caso, como é que escreveria?

— Escreveria o quê?

— Essa carta...

— Eu... Muito simplesmente... Começava... “Meu prezado amigo...”

— Não há outra solução senão começar assim?

— Não. Mas que tem a objetar a isto? Imagino...

— Não, não, está muito bem, continue!

— Bem. “Meu prezado amigo: desculpe se...” Mas não, essas desculpas são supérfluas. Aqui os fatos bastam para explicar tudo. Por isso diríamos simplesmente: “Venho escrever-lhe e pedir-lhe que me desculpe a minha impaciência, mas fui tão feliz durante um ano, quando vivia na ilusão de que... onde hei de eu ir procurar agora a paciência necessária para suportar um dia só que seja de incerteza? Agora que já voltou e não se dignou vir visitar-me, vejo-me na necessidade de pensar que, com o tempo, devia ter mudado de maneira de pensar. Nesse caso esta carta apenas lhe dirá que não me queixo nem lhe faço qualquer censura. Como havia eu de censurar-lhe alguma coisa, se não é culpa sua que eu não tenha podido prender o seu coração por mais tempo? E este o meu destino... Você é um homem fino e inteligente, e estou certa de que estas minhas toscas linhas não hão de fazê-lo rir nem lhe causarão aborrecimento. Mas no entanto não se esqueça de que é uma pobre moça que lhe escreve, que se encontra completamente só e não tem uma pessoa a quem possa contar as suas penas e pedir um conselho, e que também nunca aprendeu a dominar o seu coração. Mas não se aborreça comigo, se é que incorri na torpeza de, por um instante, abrigar dúvidas na minha alma. Sei muito bem que você não seria capaz de ofender,

nem sequer pelo pensamento, aquela que tanto lhe quis e que apesar de tudo ainda...”

— Isso, é isso mesmo! Era isso mesmo o que eu tinha pensado! — exclamou Nástienhka, e os seus olhos brilharam de alegria. — Oh, você dissipou todas as minhas dúvidas! Foi Deus quem mo enviou! Muito obrigada, muito obrigada!

— Muito obrigada? Por quê? Por Deus me ter enviado em seu auxílio? — perguntei-lhe e, extasiado, contemplei o seu rosto que refulgia de prazer.

— Sim, por isso mesmo!

— Ah! Nástienhka! Verdadeiramente devemos estar agradecidos a várias pessoas, só pelo fato de viverem conosco ou de viverem tão sozinhas. Eu, por exemplo, estou-lhe muito grato por tê-la encontrado e poder pensar em você daqui para diante.

— Bem, bem, não diga mais nada! Mas agora... Você ainda não sabe tudo. E o seguinte: dessa vez tínhamos combinado que, logo que ele estivesse de volta, mo faria saber por alguém nosso conhecido, pessoas boas e simples, que não sabem nada das nossas relações; mas que

no caso de não me poder escrever, pois muitas vezes não se pode dizer numa carta tudo o que se deseja, no próprio dia da sua chegada, às dez da noite em ponto, viria a este mesmo lugar, onde nos devíamos encontrar. Eu sei muito bem que ele está em Petersburgo já há três dias e, até agora, ainda não recebi duas letras suas nem também me veio ver. De dia é-me impossível sair de casa sem que a minha avó dê conta. Por isso... Oh, se tivesse a bondade de se encarregar de levar a minha carta a essas pessoas de que acabo de lhe falar! Elas a farão chegar às mãos dele. E se tivesse resposta trazia-ma aqui às dez da noite... Sim?

— Mas... e a carta? E a carta? Primeiro é preciso escrever a carta! Senão, é preciso deixar tudo para amanhã.

— A carta... — Nástienhka, confusa, olhou para o chão. — A carta... sim, mas...

Deteve-se e não prosseguiu; afastou de mim o seu rostinho que brilhava como uma rosa vermelha, e de súbito senti na minha mão um... um envelope, e naturalmente com uma carta acabada de escrever. E ao mesmo tempo... esse pormenor despertou em mim uma recordação... Aos meus ouvidos vibrou de repente uma

encantadora e graciosa melodia e...

— Ro...si...na! — cantei eu.

— Oh, Ro...si...na! — cantamos os dois, e ela esteve quase a deixar-se cair de felicidade nos meus braços enquanto ia ficando cada vez mais corada e sorria por entre as lágrimas que, como gotas de orvalho, brilhavam nas suas pestanas.

— Pronto, pronto! Agora vamos despedir-nos! — disse rapidamente. — Aí fica a carta; e pode ver o endereço onde deve entregá-la; está no sobrescrito. Adeus, até breve! Até amanhã!

Apertou-me as duas mãos com muita força, saudou-me também com a cabeça e desapareceu como uma sombra na ruela estreita. Eu fiquei durante muito tempo sem me mexer, no mesmo lugar, seguindo-a com a vista.

— Até breve! Até amanhã! Até amanhã! — repetia eu maquinalmente, depois de ela já ter desaparecido.

TERCEIRA NOITE

Hoje estava um dia triste, chuvoso, cinzento, turvo e lôbrego... Tal qual como a velhice que me aguarda. E agora assaltam o meu pensamento estranhas e fugidias impressões, surgem-me problemas confusos... e eu não tenho forças nem disposição para resolvê-los. E afinal isso não é da minha conta!

Hoje não nos vimos. Quando ontem nos despedimos apareciam já no céu nuvens escuras e começava a levantar-se uma névoa. Eu insisti: “Amanhã vamos ter um dia nublado”. Ela não respondeu. Que havia de dizer? Para ela esse dia era claro e diáfano e nenhuma nuvem podia ensombrar a sua felicidade.

— Se chove não nos podemos ver — disse por fim — porque nesse caso não venho à rua.

Eu pensava que ela, hoje, não teria chegado a dar pela chuva; mas não apareceu.

Ontem vimo-nos pela terceira vez... Foi a nossa última noite clara...

Na verdade é digno de reparo aquilo que a alegria e a felicidade podem fazer de um

homem. Como o amor exalta o nosso coração! É como se ele, todo inteiro, se derramasse dentro de outro coração e desejássemos que toda a gente se sentisse feliz e sorrisse, à nossa volta! Como é contagiosa essa alegria! Ontem havia nas suas palavras tanta ternura e no seu coração tanta bondade para mim! Como estava ela atenciosa, expansiva, afetuosa e amável! Como me animava o espírito e me serenava o coração! Oh, de tanta felicidade que sentia até estava lisonjeadora! E eu... eu tomava tudo aquilo por ouro de lei e pensava que ela...

Meu Deus, como foi possível que nem sequer o tenha pensado? Como podia eu estar tão cego, sabendo como sabia que tudo aquilo pertencia a outro, e quando devia ter dito a mim mesmo que toda aquela sua ternura e carinho... sim, todo o carinho que ela me demonstrava... mais não eram do que a expressão da sua alegria perante o encontro próximo com ele, e o seu desejo de fazer-me compartilhar a sua alegria, ou simplesmente de desabafá-la comigo? Mas ele nunca mais aparecia e nós os dois esperávamos em vão; e ela, ao ver que ele não vinha, começou a ficar triste, preocupada e taciturna. Os seus movimentos e as suas palavras já não tinham a mesma ligeireza alada de há pouco, nem também respirava já o mesmo

abandono confiante. Mas então, coisa estranha! redobrou a sua atenção e afetuosidade para comigo, e a mim pareceu-me então que tudo aquilo que ela desejava para si e que a trazia num desassossego, ainda que por acaso nunca viesse a consegui-lo, desejaria involuntariamente oferecer-mo a mim. E, tremendo pela sua felicidade, cheia de angústia e de nostalgia, compreendia finalmente que eu também amava, que eu a amava a ela, e então a sua alma sentiu piedade do meu pobre amor. Porque quando somos infelizes ficamos mais aptos a compreender o sofrimento alheio; a nossa sensibilidade, assim, não se degrada, mas, pelo contrário, adensa-se e acumula-se...

Saí ao seu encontro cheio de ansiedade, pois só com muito custo me foi possível esperar pela hora da entrevista. Mas não podia imaginar o que me aguardava nesse instante, nem tampouco previa a maneira tão invulgar como tudo isto ia terminar. Ela estava radiante de júbilo, aguardando a resposta do outro. E a resposta era ele próprio quem deveria trazê-la... ele que, sem dúvida, se daria pressa em acudir à sua chamada... Ela estava firmemente convencida disso. Havia já uma hora que ela esperava ali, quando eu cheguei. A princípio, tudo quanto eu lhe dizia dava-lhe vontade de rir.

Quis continuar a falar, mas, de repente... calei-me.

— Sabe por que estou eu tão contente? — perguntou-me ela — e me sinto tão satisfeita por o ver? Por que estou tão carinhosa para com você?

— Diga — perguntei eu, e o meu coração batia...

— Pois eu lhe tenho toda esta amizade porque você não se apaixonou por mim. Outro, no seu lugar, teria começado por me importunar e aborrecer, teria suspirado e fingido que estava doente. Mas você foi tão franco e tão simples!

E apertou-me a mão com tanta força que por pouco eu não gritava. E riu-se outra vez.

— Meu Deus! Como você é meu amigo! — continuou depois de uma pausa cheia de seriedade. — Acredito verdadeiramente que foi Deus quem mo enviou. Que teria sido de mim se não o tivesse ao meu lado? Tem sido tão bom para mim! Se eu me casar havemos de continuar assim, amigos... como dois irmãos. Hei de gostar de você quase tanto como dele...

Custaram-me estas palavras e, naquele

mesmo instante, senti um desgosto imenso; mas a seguir, qualquer coisa semelhante a um sorriso se- esboçou na minha alma.

— Está muito desassossegada — disse-lhe — pois, no fundo, tem medo que ele não venha.

— Mas que idéia! Se não estivesse tão contente, é muito provável que me fizesse chorar com essa sua descrença e com as suas censuras. Além disso não tem feito outra coisa senão insistir numa hipótese que pode trazer-me muitas contrariedades. Mas isso fica para depois; por agora confesso-lhe que adivinhou. Eu estou verdadeiramente... fora de mim! Eu sou toda ansiedade e percebo tudo e tudo ouço como através de uma nuvem... Mas basta... não falemos mais de sentimentos...

E eis que de súbito ouvimos uns passos e vimos sair da obscuridade um transeunte que se encaminhava para nós. Estremecemos, e pouco faltou para que ela não desse um grito. Eu retirei o meu braço, no qual ela apoiava a sua mãozinha, e dei meia volta para escapar-me sem ser visto. Mas tínhamo-nos enganado: era um estranho, que seguiu tranqüilamente o seu caminho.

— De que tem medo? Por que retirou o braço? — perguntou-me ela amparando-se novamente a mim. — Isso não tem nada de especial! Havemos de ir ter com ele, de braço dado. Quero que ele veja que nos estimamos.

— Oh, como nós nos queremos! — exclamei eu.

"Oh Nástienhka, Nástienhka — pensei em silêncio. — O que disseste, com essas palavras! Cem um carinho desses, Nástienhka, até o coração pode gelar... e encher-se de uma tristeza mortal... A tua mão está fria, Nástienhka, enquanto a minha arde como lume. Como és cega, Nástienhka! Oh, uma criatura feliz, às vezes pode tornar-se insuportável! Mas eu, para ti, nunca podia ser mau..."

Finalmente o meu coração estava tão cheio, que quisesse ou não quisesse, não tive outro remédio senão começar a falar:

— Nástienhka! — exclamei. — Sabe como passei o dia de hoje?

— Não... Como foi? Conte-mo imediatamente! Por que é que ainda não mo disse?

— Pois olhe, Nástienhka, esta tarde, depois de ter cumprido tudo quanto me mandou, de ter entregue a carta àquelas pessoas, voltei para casa e fui dormir...

— E então foi só isso o que fez durante o resto do dia? — perguntou-me ela a rir.

— Sim, pouco mais — respondi eu, dominando-me rapidamente, pois sentia que as lágrimas queriam saltar-me aos olhos com toda a força. — Acordei uma hora antes daquela que estava combinada para o nosso encontro; mas a mim parecia-me que não tinha dormido nada. Não sei o que se passava comigo. E quando vinha para aqui parecia-me que o fazia apenas para lho vir contar. Era como se o tempo tivesse parado, como se daí para diante apenas uma única sensação, um único sentimento, viessem a dominar-me por completo, como se um só momento houvesse de preencher toda a eternidade, e como se em mim a vida se tivesse estancado... Quando acordei lembrei-me de umas frases musicais, que eu talvez tivesse ouvido alguma vez, já há muito tempo, mas que depois tivesse esquecido,, E parecia-me que a minha vida tinha abandonado a minha alma havia muito, e que agora só...

— Ah! Meu Deus! — interrompeu-me Nástienhka — Que quer dizer com isso tudo? Não estou entendendo.

— Ah! Nástienhka! Procurava explicar-lhe de qualquer maneira essa estranha sensação — disse eu com voz triste, mas na qual se encerrava uma esperança, embora muito longínqua.

— Está bem, muito bem, mas não continue! — exclamou ela com rapidez...

Num instante tinha percebido tudo, a velhaca!

Pôs-se muito faladora e alegre, e até vulgar. Agarrou-se ao meu braço, ria, falava, esforçava-se por que eu também me risse, e qualquer palavra minha mais comovida arrancava-lhe logo uma grande e sonora gargalhada... Comecei a sentir-me um tanto aborrecido e ela então se pôs a coquetear comigo.

— Sabe de uma coisa? — disse — Confesso-lhe que estou um tanto desapontada por você não se ter apaixonado por mim. Por aí se vê que as mulheres nunca podem acreditar nos homens! No fim de contas não tem outro

remédio senão reconhecer, meu inconquistável senhor, que sou uma mulher inocente e sincera. Eu digo-lhe tudo, tudo, qualquer que seja a maluqueira que me venha à cabeça.

— O quê? Escute! Onze horas! — disse eu quando se ouviu ao longe a primeira badalada vagarosa do relógio da torre.

Ela calou-se, o seu riso desvaneceu-se e pôs-se a contar as badaladas.

— É verdade, já são onze horas — disse finalmente com uma voz um tanto insegura e perplexa.

Depois lamentei tê-la interrompido e deixei-a contar as badaladas do relógio. E recriminei-me a mim próprio da má intenção que me tinha impelido. Senti-o por ela. E não sabia como havia de reparar a minha falta. Procurei consolá-la e arranjar razões que justificassem a ausência do outro. Citei vários exemplos, formulei conclusões; e, na verdade, nunca ninguém se deve ter deixado convencer com mais facilidade do que ela, naquele momento, como qualquer de nós teria igualmente acolhido, em semelhantes circunstâncias, uma palavra de consolo, e teria mesmo agradecido a mais insignificante justificação.

— Sim, e, além disso — continuei, defendendo o outro cada vez com maior resolução, e ao mesmo tempo muito impressionado pela claridade dos meus próprios argumentos — ele não podia vir hoje. A Nástienhka contagiou-me a sua inquietação e o seu desassossego, a tal ponto que me esqueci do tempo... Mas lembre-se que ele talvez só agora tenha recebido a sua carta. Suponhamos que, por qualquer motivo, se vê impossibilitado de vir pessoalmente e tem de escrever-lhe... Assim, só amanhã é que poderá receber a carta dele. Eu irei até lá amanhã muito cedo e digo-lhe o que se passa. E podemos ainda supor muitas outras coisas, igualmente prováveis: suponhamos por exemplo que, quando a carta chegou, ele não estava em casa, e que por isso ainda a não leu. Tudo é possível.

— Bem, isso é verdade! — concordava logo Nástienhka. — Não me tinha lembrado disso, claro que tudo é possível! — confirmava com voz condescendente e cheia de conformidade, mas na qual, no entanto, como uma leve e desagradável dissonância, transluzia um pensamento diferente.

— Então vamos fazer uma coisa: amanhã muito cedo você vai à casa dessas pessoas

conhecidas e, se elas tiverem qualquer coisa para mim, vem logo dizer-mo. Sabe onde eu moro? — E indicou-me a sua morada.

Depois, de um momento para o outro pôs-se outra vez muito carinhosa para comigo, e ao mesmo tempo parecia tomada de uma certa timidez... Na aparência, dir-se-ia que me escutava com muita atenção... Mas quando eu lhe fiz uma pergunta ficou calada e afastou os olhos dos meus, perturbada. Eu me inclinei um pouco para a frente para poder ver-lhe o rosto, e na verdade ela estava chorando.

— Mas o que é isso? Você está parecendo um neném! Uma garotinha sem pingo de juízo! Vamos... Para que essas lágrimas?

Ela tentou sorrir e dominar-se; mas o rosto estremecia-lhe e o seu peito agitava-se cada vez mais.

— Estava pensando em você — disse ela após um silêncio. — É tão bondoso... Seria preciso que o meu coração fosse de pedra para que eu não sentisse isto. Sabe o que pensei? Pus-me a compará-los, aos dois. Por que é que ele não há de ser... você? Por que não será ele como você? Ele vale muito menos e no entanto eu gosto mais dele do que de você.

Eu não respondi. Mas ela parecia esperar que eu fizesse qualquer observação.

— É possível que eu não o compreenda e que não o conheça muito bem. Mas sabe uma coisa? Parece-me que tenho um certo medo dele. Estava sempre tão sério e tão... como se estivesse também sempre cheio de orgulho. Provavelmente tudo isso seria só na aparência, porque no seu coração deve haver mais ternura do que no meu... É também sei como ele me olhava quando... me apresentei no seu quarto com o embrulho da minha roupa... E no entanto é assim, é como se ele estivesse muito acima de mim, sim, como se não fôssemos os dois da mesma condição, como se pertencêssemos a classes sociais diferentes!

— Não, Nástienhka, tudo isso significa apenas que você o quer mais do que a ninguém neste mundo e até muito mais do que a si mesmo.

Bem, pode ser que seja assim — respondeu Nástienhka ingenuamente. — Mas sabe a idéia que me veio agora mesmo? Que daqui em diante já não falo mais nele mas de coisas comuns... Já há muito que o tinha pensado. Explique-me: por que não havemos

todos de ser como irmãos uns para os outros? Por que motivo, quando nos encontramos diante de outra pessoa, mesmo que ela seja a melhor do mundo, havemos sempre de esconder e de calar qualquer coisa? Por que não havemos nós todos de dizer com absoluta sinceridade aquilo que trazemos no coração, quando sabemos muito bem que as nossas palavras não seriam em vão? Parecemos todos mais frios e taciturnos do que somos na verdade; dir-se-ia que as pessoas têm medo de se comprometerem expondo com franqueza os seus sentimentos. ..

— Ah, Nástienhka! Você tem muita razão; mas isso deve-se a várias causas — respondi eu, ao mesmo tempo que me fechava melhor na minha concha e guardava para mim os meus mais íntimos sentimentos.

— Não, não! — contradisse ela com profunda convicção. -__

Você, por exemplo... não é como os outros... Eu... desculpe-me, não sei como explicar-me, mas parece-me que... por exemplo, neste momento... Sim, parece-me que precisamente neste momento está fazendo um sacrifício por mim — disse ela quase

balbuciando e olhando-me de fugida. — Desculpe-me de lhe falar assim. Sou uma jovem simples; mal conheço ainda a vida e, verdadeiramente, muitas vezes nem sei explicar-me bem — acrescentou com uma voz em que vibrava um sentimento oculto, enquanto se esforçava por sorrir. — Mas quero dizer-lhe que lhe estou muito grata, que sei muito bem e que sinto... Desejo que Deus lhe dê todas as felicidades! Quanto àquilo que me contou, acerca dos seus sonhos, parece-me que não é verdade; isso não tem nenhuma relação com a sua pessoa ... Você tem de ser bom e, acima de tudo... pelo que me disse, vejo bem que é um homem diferente. Mas é claro que se alguma vez se apaixonar... queira Deus que seja muito feliz! E para essa a quem você vier a amar, nem é preciso desejar mais nada, pois, em sua companhia, por força que há de ser feliz. Digo-lho eu que sou mulher, pode acreditar-me...

Calou-se e trocamos um amistoso aperto de mãos. Eu também estava muito comovido para poder falar. Ficamos ambos calados.

— Sim, já não virá hoje — disse ela por fim, levantando a cabeça. — Já é muito tarde.

— Virá amanhã — disse eu num tom de

voz firme e convencido.

— Sim — disse ela muito satisfeita — agora vejo muito bem que hoje era ainda demasiado cedo, e pode ser que amanhã também não venha. Bem, então até breve, até amanhã! Se chover, pode ser que eu não saia. Mas depois de amanhã... depois de amanhã hei de vir sem falta, e você... venha também sem falta. Quero vê-lo para lhe contar tudo.

Quando nos despedimos estendeu-me a mão e disse-me, pousando os seus olhos sobre os meus, num olhar franco:

— Daqui para diante nunca mais nos tornaremos a separar, não é verdade?

— Oh Nástienhka, Nástienhka! Se soubesses como estou só neste mundo!

No outro dia, quando bateram as nove da noite, já não pude ficar nem um momento mais no meu quarto; vesti-me e saí para a rua, apesar da chuva. Fui até ao lugar onde nos costumávamos encontrar e sentei-me no banco. Passado pouco tempo levantei-me e fui ate à rua em que ela morava; mas depois enchi-me de vergonha e, a dois passos da sua casa, retrocedi sem levantar sequer os olhos para as janelas.

Cheguei a casa num estado de espírito como nunca tinha experimentado. Que lôbrego, que úmido e que aborrecido tudo! “Se fizesse bom tempo — dizia para comigo — havia de passar a noite toda vagabundeando por essas ruas... É preciso esperar até amanhã, amanhã ela vai contar-me tudo.”

No entanto acabei por confessar a mim próprio que ele não tinha respondido à sua carta; pelo menos, hoje, não respondeu. Mas isso é perfeitamente natural. Para que havia ele de escrever-lhe? Há de vir mas é vê-la pessoalmente... -

QUARTA NOITE

Meu Deus! Como acabou tudo isto!

Às nove da noite estava no local combinado. Vi-a logo de longe; estava de pé, tal como na primeira vez em que a vi no cais; apoiava-se à balaustrada e não sentiu que eu me aproximava.

— Nástienhka! —- exclamei sem poder dominar a minha comoção. Ela estremeceu, voltou-se, e olhou para mim.

— O quê! — disse — Tão depressa! Eu olhei para ela sem compreender.

— Deixe ver! Dê-me a carta! Trouxe-a? E estendeu a mão para a balaustrada.

— Não, não trago carta nenhuma — respondi eu devagar. — Mas ele não veio?

Ela empalideceu intensamente e ficou a olhar para mim. Tinha perdido todas as esperanças.

— Que Deus o proteja! — exclamou finalmente com voz vacilante e lábios trêmulos. — Que Deus o proteja, visto que me abandona!

Baixou os olhos... Depois tentou erguê-los para me olhar, mas não pôde. Durante um momento permaneceu assim, até que conseguiu dominar a sua perturbação; depois voltou-se de repente, apoiou os cotovelos na amurada e começou a chorar.

— Acalme-se! Sossegue! — disse eu procurando consolá-la; mas diante daquela dor não tive coragem para prosseguir... Que podia eu dizer-lhe?

— Não tente consolar-me, — exclamou ela chorando — não me fale dele; não me diga que ainda há de vir e que não é verdade que ele me tenha abandonado de maneira tão cruel e desumana. E por quê? Por quê? Havia alguma coisa de mau na minha carta, nessa pobre carta?

Os soluços abafaram de novo a sua voz. Eu julguei que o coração me ia estalar de dó.

— Oh, que crueldade! — insistia ela. — Nem uma linha, nem uma palavra! Se ao menos tivesse respondido, se ao menos tivesse escrito, ainda que fosse só para me dizer que já não me queria! Mas assim, .. Nem uma linha, nem uma palavra, em todos estes dias! Como lhe foi fácil magoar-me, a mim, pobre moça desamparada,

cujo único pecado consiste em amá-lo! Oh, como tenho sofrido nestes três dias! Meu Deus! Deus do Céu! Lembrar-me eu de que me aproximei dele pela primeira vez, sem que ele me tivesse chamado nem mo tivesse pedido, que me rebaixei diante dele e chorei e até lhe pedi um pouco, só um pouco de amizade! E agora, isto... Não, fique sabendo — encarou de novo comigo e os seus olhos negros cintilavam — que isto não é possível! Isto não pode ficar assim! Isto é desumano! Um ou os dois... ou você ou eu nos enganamos! Talvez ele não tivesse recebido a minha carta! Talvez a estas horas nada saiba ainda a este respeito. De outra maneira não se compreende, julgue por si próprio, fale por amor de Deus, explique-me... Eu não posso compreender... como é que um homem é capaz de se conduzir com tanta vilania como ele se conduziu comigo. Não ter respondido nem sequer uma palavra à minha carta! O homem mais vil deste mundo teria sido mais compreensivo! A não ser... a não ser que lhe tenham dito mal de mim! — encarou de repente comigo. — Não acha? O que lhe parece?

— Olhe, Nástienhka, amanhã irei eu próprio vê-lo em seu nome.

— Isso!

— Perguntar-lhe-ei simplesmente o que se passa e contar-lhe-ei tudo.

— Sim, e que mais havemos de fazer?

— A Nástienhka vai escrever-lhe outra carta. Não diga que não! Hei de obrigá-lo a apreciar o seu procedimento, explicar-lhe-ei tudo, e se ele...

— Não, meu bom amigo, não! — atalhou ela. — Deixemos isso. Ele não tornará a ouvir uma palavra minha. Eu já não o conheço, já não gosto dele, hei de fazer por... es...que. . .cer...

Não continuou.

— Acalme-se, acalme-se! Sente-se aqui neste banco, Nástienhka — disse-lhe eu e levei-a até ao banco, um pouco mais adiante.

— Já estou sossegada. Pronto. Acabou-se. Saberei conter as minhas lágrimas! Julga que me vou matar por causa disto, ou adoecer?

O meu coração parecia estalar. Quis falar mas não pude.

— Escute, — continuou ela pegando-me

na mão — você não seria capaz de se portar desta maneira, não é mesmo? Não seria capaz de responder com uma gargalhada trocista a uma pobre moça que se lhe tivesse dirigido por não saber dominar o seu fraco e ingênuo coração, não é verdade? Com certeza que havia de saber apreciá-la melhor. Você teria dito que ela estava sozinha no mundo, que não conhecia nada da vida e não sabia apreciar-se a si própria e defender-se do amor que lhe tinha, e que não tinha culpa de nada... que ela não tinha feito nada de mau... Oh, meu Deus, oh, meu Deus!

— Nástienhka — exclamei eu, incapaz de dominar a minha comoção por mais tempo. — Nástienhka, você me martiriza! Dilacera o meu coração, Nástienhka, mata-me! Eu já não posso calar-me por mais tempo! Eu tenho de falar, preciso de lhe dizer o que já não me cabe no coração!

Enquanto dizia isto levantei-me do banco. Ela me pegou na mão e olhou para mim assombrada.

— O que tem? — perguntou-me por fim.

— Deixe que eu lhe diga tudo, Nástienhka! — implorei-lhe com decisão. — Nástienhka, não tenha medo daquilo que eu lhe vou dizer, pois é

um disparate, um impossível e uma tolice. Já sei que nunca há de realizar-se; mas no entanto não posso calar-me por mais tempo! Peço-lhe, por tudo aquilo que agora sofre, suplico-lhe, imploro-lhe que me perdoe desde já!

— Mas então o que é? De que se trata? — tinha deixado de chorar e fitava-me com muita atenção. Os seus olhos admirados demonstravam uma curiosidade singular. — De que se trata?

— É impossível, Nástienhka, bem sei, mas eu... eu a amo, Nástienhka! Esta é a verdade! Pronto, já lhe disse tudo! Agora já sabe se daqui em diante pode continuar a falar-me como tem feito até aqui e também se deve ouvir o que ainda tenho para lhe dizer...

— Bem... Mas que tem isso? Tem alguma coisa de extraordinário? Eu já sabia que você me amava; sempre me quis parecer que... me... sim, que me tinha alguma afeição! Ai, meu Deus...

— A princípio, sim, era só isso, Nástienhka; mas agora! Agora estou eu na mesma disposição de espírito que a Nástienhka, quando se foi apresentar no quarto dele com o embrulhinho das suas roupas. Não, eu estou

ainda em piores condições do que a Nástienhka, pois ele, então, não amava outra mulher... Enquanto a Nástienhka ama outro homem...

— Que quer dizer com isso? Eu... eu não o compreendo. Mas diga: por quê? Ou melhor: para quê tudo isso e assim tão de repente? Meu Deus! Que tolices eu digo! Mas você...

Nástienhka estava perturbadíssima, as faces ruborizaram-se-lhe e fixou a vista sobre o chão.

— Que hei de eu fazer, Nástienhka, que hei de eu fazer? Sou culpado, cometi um abuso. Oh, não! Não, Nástienhka, eu sou inocente. Sinto, percebo claramente que o coração me diz que estou no meu direito, que, com isto, não posso ofendê-la nem magoá-la. Eu era seu amigo; bem, pois agora continuarei a ser ainda seu amigo... Não cometi nenhuma traição nem me portei deslealmente. Repare, Nástienhka, estou chorando. Que importa? Isto não prejudica ninguém. Hão de secar por si mesmas, estas lágrimas...

— Mas, sente-se, sente-se! — e quis obrigar-me a sentar-me. — Ai, meu Deus!

— Não, Nástienhka, não me sento! Agora

já não posso continuar aqui por mais tempo e você nunca mais há de tornar a ver-me; dir-lhe-ei tudo e depois vou-me embora. Nunca poderá saber até que ponto eu lhe quero. Mas eu devia ter sabido guardar segredo e não afligi-la neste momento, falando-lhe assim de mim com tanto egoísmo. Não! Mas eu... não fui capaz de me conter! Você começou a falar dele, portanto a Nástienhka é quem tem a culpa, a culpa de tudo; mas eu sou inocente. Apesar de tudo não pode afastar-me do seu lado, assim, sem mais nem menos...

— Mas eu não o afasto! — afirmou Nástienhka, fazendo o possível por dominar a sua perturbação.

— Não? É verdade que não? E eu que estava para ir já embora... Seja como for, tenho de ir; mas antes quero dizer-lhe tudo pois há pouco, enquanto a Nástienhka falava e chorava, e estava i minha frente com a sua dor, e tudo isso porque... Bem, porque. Digo-lho, Nástienhka, pelo desdém a que a votavam, se soubesse quanto amor sentia eu por você no meu coração, quanto amor! E custava-me tanto não poder valer-lhe com todo esse amor, o meu coração parecia que ia saltar, e... e... não pude calar-me mais; precisava de falar, Nástienhka,

tinha de ser!

— Está bem! Fale, fale calmamente! — disse Nástienhka de súbito, com uma comoção inexplicável. — Talvez estranhe que eu lhe diga isto, mas... sim, fale! Mais tarde lhe explicarei, lhe contarei tudo!

— Só inspiro compaixão a você, Nástienhka; o que sente é apenas piedade por mim. Mas o que está feito, está feito. Depois de termos falado já não podemos retirar as palavras. Não é verdade? Bem, agora já sabe tudo. Este é o nosso ponto de partida. Até que extremo chegamos, já o sabe, se é que me estava escutando. Quando a Nástienhka se sentou aqui e se pôs a chorar, eu disse para comigo... Ah, por favor, deixe-me dizer-lhe o que pensei! Disse para comigo que a Nástienhka... seja lá pelo que for... Bem, numa palavra: que fosse lá pelo que fosse, a Nástienhka tinha deixado de gostar dele. Depois... isto pensei ontem, Nástienhka, e antes de ontem, que você não tinha outro remédio senão gostar de mim. A Nástienhka dizia, sim, foi a própria a dizer que já tinha um pouco de amizade por mim. Bem... e que mais? Sim, isto é quase tudo o que eu tinha para dizer-lhe. Só me falta dizer-lhe o que será .isso, do seu amor por mim. Mais nada! Por isso

ouça-me com toda a atenção, minha amiga... pois com certeza que pelo menos minha amiga não deixou de o ser... Evidentemente que eu não passo de um homem ingênuo, pobre e insignificante; mas isso agora não interessa... Não sei o que me acontece, que acabo sempre por me pôr a falar de outras coisas; mas isso é por causa da minha comoção, Nástienhka... Eu estou disposto a amá-la tanto, tanto que, ainda que a Nástienhka continue a amar esse homem que eu nem sequer conheço, havia de verificar que o meu amor não lhe traria nenhum inconveniente. Havia de sentir somente, e isto a todos os momentos, que junto de você palpitava um coração agradecido, oh, sim, muito agradecido, fervoroso, e que por você... oh, Nástienhka, Nástienhka! A que me reduziu você!

— Mas não chore, não quero que chore! — disse Nástienhka levantando-se rapidamente do banco. — Vamo-nos embora, venha, não chore, não chore mais! — e enxugou-me as faces com o seu lencinho. — Venha, vou dizer-lhe uma coisa... Se ele já não quer saber de mim e.já me esqueceu... mesmo que eu continue a gostar dele... não posso ocultar-lho a você, nem quero enganá-lo... Ouça e responda-me depois. Se eu, por exemplo, chegasse a amá-lo a você, isto é, se eu... Oh, meu amigo, meu querido

amigo! Quando penso como deve tê-lo magoado e feito sofrer, quando o elogiava precisamente por me não ter feito a corte! Oh, meu Deus! Como é que eu não fui capaz de prever uma coisa destas? Como pude eu ser tão tola, como... ? Mas está bem; estou decidida e vou dizer-lhe tudo...

— Não, Nástienhka: sabe uma coisa? Vou deixá-la, é o melhor, Vejo muito bem que só estou a atormentá-la. Agora começa a sentir remorsos por se ter divertido à minha custa; mas eu não quero que a Nástienhka, ainda por cima da sua dor... Sou eu quem tem a culpa de tudo, Nástienhka; por isso... adeus!

— Não, não se vá embora, escute-me primeiro; não pode esperar um momento?

— Esperar? Esperar para quê?

— Escute: eu gosto dele, mas este amor deve acabar, há de acabar... Por certo que há de acabar; já começa a extinguir-se, bem o sinto... Quem sabe, talvez tenha acabado completamente hoje, pois eu o odeio por ele ter troçado de mim, enquanto você ficava ao meu lado chorando comigo... e com certeza que nunca me teria deixado aqui à espera, como ele fez, pois você gosta de mim a valer, enquanto

ele nunca me amou... e, além disso, porque eu... afinal, também gosto de você... Sim, amo-o! Tanto quanto você a mim. Já lhe disse, já o ouviu... Gosto de você porque você é melhor do que ele, porque é mais amável do que ele, porque... porque ele...

A comoção embargou-lhe a voz, apoiou a cabeça no meu ombro, inclinou-se até tocar no meu peito e depois começou num pranto doloroso. Eu tentava consolá-la, acariciava-a, fazia por tranqüilizá-la, mas ela não podia conter-se; apertava-me a mão e balbuciava por entre soluços:

— Espere, espere um pouco. Está passando... Já vou deixando de... Só quero dizer-lhe uma coisa... Não pense que estas lágrimas... me vêm só devido à minha fraqueza; tenha um pouquinho de paciência até que se extingam...

Finalmente deixou de chorar. Levantou-se, enxugou os últimos vestígios do pranto, e pusemo-nos ambos a caminhar. Eu queria falar, mas ela me pedia constantemente que eu lhe concedesse algum tempo para pensar. E assim íamos os dois em silêncio... Até que por fim, já mais sossegada, começou:

— Vou contar-lhe tudo — disse com voz débil e insegura, mas na qual vibrava depois um sentimento íntimo que atingiu de tal modo o meu coração, que este se pôs a tremer com uma espécie de dor agradável. — Não pense que eu seja uma inconstante ou uma louca, nem que tão depressa possa esquecer e ser infiel... Gostei dele durante um ano e juro-lhe por Deus que nunca, nunca, nem sequer em pensamento, lhe fui infiel. Mas ele mostrou que não sabia apreciar-me; não fez outra coisa senão manifestar descaso por mim... Deus lhe perdoe! Mas ele me fez sofrer... Eu... eu já não gosto dele, Pois só posso amar o que é belo e o que é grande, o que é parecido comigo e me parece bem; sou assim e ele não é digno de mim... Que Deus o proteja! Mas isto, afinal, ainda é preferível do que se acontecesse que apenas mais tarde eu tivesse vindo a perceber o seu verdadeiro caráter... Por isso... está tudo acabado! E quem sabe, meu amigo, — continuou apertando-me a mão — quem sabe se todo esse meu amor não foi senão uma ilusão ou uma pura imaginação e se teve origem na minha educação, naquela vida tão monótona que tenho levado, sempre presa às saias da minha avó? Talvez eu estivesse predestinada a gostar de outro, de outro que tivesse tido mais piedade de mim e... e... Bem, deixemos isto, não

falemos mais nisto — interrompeu-se Nástienhka, quase sem voz e sem alento, devido à intensidade da sua comoção. — Eu apenas queria dizer-lhe... Eu queria dizer-lhe que, se você, apesar de eu o amar a ele... De o amar não, de o ter amado... Se apesar disso... Quero dizer, se sente e acredita... que o seu amor é tão grande que pode afugentar do meu coração... Se você tem tanta pena de mim e não quer agora deixar-me entregue ao meu destino, sem consolação nem esperança; se for capaz de amar-me sempre assim, como agora me ama... então, eu lhe juro... que a minha gratidão... que o meu amor há de ser digno do seu... Quer aceitar a minha mão?

— Nástienhka! — julgo que as lágrimas e os soluços abafavam a minha voz. — Nástienhka! Oh, Nástienhka!

— Pronto, pronto! Já chega por agora! — disse ela rapidamente, visivelmente apressada e dominando-se com esforço. — Já dissemos tudo, não é verdade? E você sente-se agora feliz e eu também, por isso não é preciso dizermos mais nada. Espere... Olhe, tenha piedade de mim... Fale-me de outra coisa, peço-lhe por tudo!

— Sim, Nástienhka, já chega; agora sou feliz... Tem razão, Nástienhka; falemos de outra coisa, pronto, pronto! Sim! Do que quiser...

E como já não sabíamos o que havíamos de dizer, ríamos e chorávamos e proferíamos palavras sem sentido. Em breve tínhamos atingido a calçada e pusemo-nos a passear por ali, para cima e para baixo; tão depressa atravessávamos a rua e ficávamos parados, como retrocedíamos e nos dirigíamos para o cais; parecíamos duas crianças...

— Eu vivo só, Nástienhka — disse-lhe eu em dado momento. — Mas... Bem, eu, a Nástienhka já o sabe, sou pobre, ganho apenas mil e duzentos rublos por ano, mas isso pouco importa...

— Claro que não, e a vovó tem a sua pensão; por isso não precisamos do seu ganho. Mas temos de levar a vovó conosco.

— Pois com certeza... E a minha Matriona...

— Ah, sim! E nós também temos Fiokla!

— Matriona é uma boa mulher, que só tem um defeito: é não ter nem uma ponta de

imaginação, uma ponta sequer, Nástienhka; só percebe aquilo que aprende por experiência. Mas isto também não é um obstáculo...

— Claro que não! Podem as duas viver juntas muito bem. Mas venha visitar-nos amanhã.

— O quê? Ir a sua casa? Bem, pelo meu lado...

— Podia alugar o andar de cima. Já lhe disse que temos um andarzinho, que agora, precisamente, está por alugar. A última inquilina foi uma senhora de idade, uma aristocrata, que deixou o quarto e anda em viagem pelo estrangeiro, e parece-me que a vovó, agora, quer antes um inquilino jovem. Outro dia perguntei-lhe: “Mas por que tem esse interesse em que ele seja moço?” E ela me respondeu: “Porque sempre é melhor, estamos mais seguras e eu já sou velha. Não imagines que eu tenho a intenção de te casar com ele.” Mas eu sei muito bem que é esse o seu intento. . .

— Ah, Nástienhka!

E desatamos os dois a rir.

— Bem, já chega de tagarelice. Mas diga-

me: onde vive agora? Já me esquecia de lho perguntar.

— Ali, perto... da ponte, em casa dum tal Barânikov.

— É uma casa grande, não é verdade?

— É, é...

— Ah, já sei qual é! É uma casa muito bonita. Mas fique sabendo: tem de mudar-se e vir morar conosco...

— É já amanhã, Nástienhka, é amanhã mesmo. Ainda devo uma pequena parte do aluguel da outra casa, mas não faz mal... Tenho de ir já buscar o meu ordenado...

— Mais uma coisa: eu também posso dar lições para aumentar os nossos rendimentos; aprendo primeiro e depois poderei ensinar...

— Naturalmente, é uma ótima idéia... E a mim, não tarda que me aumentem o ordenado... Nástienhka!

— Então, a partir de amanhã poderemos considerá-lo nosso vizinho?

— Sim, e depois havemos de ir à Ópera

para ouvirmos *O Barbeiro de Sevilha*, pois não tardam em representá-lo.

— Isso mesmo, vamos à Ópera! — disse Nástienhka rindo. — Espere, isso não, é melhor esperar que levem outra coisa...

— Bem, então não vamos ouvir isso. Claro que é preferível, tinha-me esquecido desse pormenor...

E tagarelávamos e caminhávamos; aquilo era uma espécie de embriaguez... Parecia-nos que íamos envolvidos numa névoa e que não sabíamos o que nos tinha acontecido. Tão depressa parávamos e ficávamos por muito tempo a falar, sem passarmos para outra laje, como retomávamos o passo e continuávamos a andar, muito longe, sabe Deus até onde, sem dar por isso, sempre a rir e a chorar ao mesmo tempo. Tão depressa Nástienhka começava a dizer que queria voltar já para casa, e como eu não me atrevia a retê-la, nos púnhamos logo a caminho, para acabarmos por reparar, ao fim de um quarto de hora, de repente, que estávamos de novo no nosso banco do cais — como suspirava muito fundo e uma lágrima rolava Pela sua face... e eu então a olhava, assustado e perplexo... Até que ela tornava a pegar-me na

mão e recomeçávamos a falar e a caminhar...

— Mas agora sim, já é tempo e mais que tempo que eu volte Para casa. Já deve ser tardíssimo! — disse por fim Nástienhka resolutamente. — É preciso não sermos tão crianças!

— Está bem, Nástienhka, mas fique sabendo que esta noite também não poderei dormir. E por isso, nem vou para casa.

— Também eu não devo dormir nada, esta noite. Mas podia ficar ao pé de mim mais algum tempo...

— Com certeza que fico!

— Mas agora não damos mais voltas, não?

— Não, agora, não!

— Palavra de honra? Mas alguma vez tenho de voltar para casa! Bem, palavra de honra, vai ser agora mesmo! — disse ela a rir.

— Bem, então vamos lá!

— Vamos!

— Olhe para o céu, Nástienhka, olhe para cima! Amanhã vamos ter um dia lindo... Como o céu está azul e olhe para aquela lua! Aquela nuvenzinha pardacenta vai escondê-la dentro de um momento... Veja, veja! Não, afinal passou roçando-a só ao de leve! Repare, repare!

Mas Nástienhka não via as nuvens nem o céu.

Tinha-se quedado, de pé, rígida junto de mim, e depois apertou-se com força contra o meu corpo. Tomada de uma enorme perturbação, cada vez com mais força, como se procurasse um amparo, e a sua mão tremia dentro da minha. Olhei para ela e ela apertou-se ainda mais de encontro a mim.

Naquele momento passava perto de nós um homem moço... o qual nos olhou fixamente, hesitou, deteve-se por um instante e depois afastou-se um ou dois passos. O meu coração deu um salto...

— Nástienhka, quem é aquele homem? — perguntei-lhe em voz baixa.

— É ele! — murmurou ela, e segurou-se ao meu braço, a tremer.

— Nástienhka! Nástienhka! És tu? — chamou de repente uma voz por detrás de nós, e em seguida o rapaz de há pouco aproximou-se.

Meu Deus! Como ela vibrou ao ouvir aquela voz! Como estremeceu! Como se desprendeu do meu braço e correu ao seu encontro... Eu estava parado e olhava para o rapaz, que, parado também, olhava... Mas, mal ela lhe tinha estendido a mão, e apenas tinha acabado de se lançar nos seus braços, largou-o, e antes que eu tivesse dado conta, já estava de novo junto de mim, cingia com os dois braços o meu pescoço e depunha sobre os meus lábios um beijo ardente. Depois, sem dizer uma palavra, correu de novo para ele, pegou-lhe nas mãos e levou-o.

Fiquei ainda ali por muito tempo a olhar para eles... que não tardaram em desaparecer da minha vista.

A MANHÃ

As minhas noites acabam com uma manhã. Amanheceu um dia hostil; chovia, e as gotas de chuva soavam com uma espécie de lamúria monótona na minha janela; dentro de casa estava escuro, como acontece nos dias de chuva e, lá fora, tudo era lôbrego. A mim doía-me a cabeça, tinha tonturas e sentia que me corria pelos membros a febre de um resfriamento.

— Menino, está aqui uma carta; foi o correio que a trouxe — disse Matriona.

— Uma carta? De quem?

— Não sei, abra-a e veja, menino; lá dentro deve dizer de quem é...

Abri o sobrescrito; a carta era dela e dizia assim:

Oh, perdoe-me, perdoe-me! — escrevia-me Nástienka. — Peço-lhe de joelhos que não se aborreça comigo. Enganei-o e enganei a mim própria. Foi um sonho, uma ilusão... Quando penso em você, sofro desesperadamente. Perdoe-me, oh, sim, perdoe-me!

Não me acuse, pois o que eu sentia por você, continuo ainda a senti-lo; disse-lhe que o amava e continuo a amá-lo, juro-lhe; e sinto por você qualquer coisa que é mais do que amor. Meu Deus, se fosse possível amar os dois ao mesmo tempo! Oh, se você e ele não fossem mais do que um e mesmo homem!

Deus vê-me e sabe que eu estaria disposta a tudo, por você. Eu sei que sofre neste momento e que está triste. Ofendi-o e fi-lo sofrer, mas já sabe... Quando se ama, não dura muito o aborrecimento. E você gosta de mim!

Eu lhe estou muito grata pelo seu amor. E a sua recordação há de acompanhar-me toda a vida como um doce sonho que não pode olvidar-se ao despertar. Não, nunca poderei esquecer como me mostrou tão fraternalmente a sua alma e, na sua bondade, aceitou como seu o meu coração ferido e lacerado, para cuidar dele com ternura e com amor e para restituir-lhe a saúde... Se me perdoar, a sua recordação há de transformar-se num sentimento de eterna gratidão e não se extinguira nunca na minha alma. E hei de ter sempre esta recordação como uma coisa sagrada, jamais o esquecerei, pois tenho um coração leal. Ontem, o que fez o meu coração foi apenas regressar às mãos daquele

que já dantes era o seu dono.

Havemos de nos tornar a ver, você há de vir a nossa casa, não nos abandonará, e há de ser eternamente nosso amigo e nosso irmão... E quando vier visitar-nos, dar-me-á a sua mão... Não é verdade? Quando me tiver perdoado, já nada lhe há de custar estender-me a sua mão, não é assim? E o seu amor por mim será o mesmo, não é?

Sim; continue a querer-me, não me abandone, pois agora amo-o tanto que quero ser digna do seu amor, quero merecê-lo... meu querido amigo! Casamo-nos na próxima semana. Ele voltou cheio de amor por mim e disse que nunca me esqueceu... Não se aborreça por eu lhe falar dele. Quero ir com ele visitar você, e tenho a certeza que ele há de despertar-lhe simpatia. Não é verdade?

Perdoe-me, não me esqueça e não deixe de querer à sua

NÁSTIENHKA.

Li e reli aquela carta muitas vezes, e os olhos encheram-se-me de lágrimas; até que por

fim deixei-a cair e escondi o rosto entre as mãos.

— Menino, ainda não viu? — disse daí a pouco a voz de Matriona.

— O quê, velha[17]?

— As teias de aranha. Já as tirei! Agora já pode casar-se, se quiser, ou trazer convidados, se isso lhe agrada, que pela minha parte...

Eu olhei para ela. É uma mulher forte, nova ainda, mas não sei por que, pareceu-me vê-la de repente com os olhos sumidos, cheia de rugas na testa, velha e achacada, à minha frente... Também não sei por que, mas pareceu-me que igualmente o meu quarto estava tão velho quanto ela. Vi empalidecerem as cores das paredes, descobri novas teias de aranha em todos os cantos. Não sei por que, quando relanceei a vista através da janela, pareceu-me que o prédio fronteiro também envelhecera e que se tinha posto mais escuro e arruinado, que o estuque das pilastras estava todo gretado, que as cornijas se fendiam e enegreciam, e que as janelas estavam cheias de manchas e de sujidade.

[17] *Sic* no original russo: *Chtó, stáruka*?

Talvez que a culpa de tudo isto a tivesse aquele raio de sol que de súbito surgiu por entre as nuvens, para logo depois voltar a esconder-se por detrás de outra ainda mais escura, anunciadora de chuva, de tal maneira que todas as coisas se tornaram ainda mais lôbregas e mais sombrias... Ou seria que os meus olhos divisaram o meu futuro e nele viram algo de árido e de triste, algo semelhante a mim mesmo, ao que eu sou agora, àquilo que serei dentro de quinze anos, neste mesmo quarto, igualmente só, com a mesma Matriona, que em todo esse tempo nem por isso há de ter-se tornado mais sensata...

Agora não perdoar a ofensa, Nástienhka; turvar a tua clara e pura felicidade com nuvens escuras, fazer-te censuras para que o teu coração se atormente e sofra, e palpite dolorosamente, quando não deve fazer mais senão exultar de júbilo, ou tocar sequer uma só das suaves flores que hás de pôr nos teus cabelos negros, quando te casares com ele... Oh, não, Nástienhka; isso não o farei eu nunca, nunca! Que a tua vida seja ditosa e tão diáfana e agradável como o teu doce sorriso, e bendita sejas pelo instante de felicidade que deste a outro coração solitário e agradecido!

Meu Deus! Um momento de felicidade! Sim! Não será isso bastante para preencher uma vida?

FIM DE

“'NOITES BRANCAS”